



UNIVERSIDADE

DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O QUE A ALMA TEM A VER COM A POESIA?

A experiência estético-literária na formação do estudante de psicologia

Josafá Joaquim de Andrade

Sorocaba/SP

Outubro de 2005

Ficha catalográfica

A567q Andrade, Josafá Joaquim de
O que a alma tem a ver com a poesia? : a experiência estética-literária na formação do estudante de Psicologia / Josafá Joaquim de Andrade. -- Sorocaba, SP, 2005.
69 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005.
Inclui bibliografias.

1. Curso de Psicologia - Currículo. 2. Psicólogo - Formação. 3. Estética. 4. Literatura. I. Britto, Luiz Percival Leme, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Dedicatórias

Aos meus pais Manoel Joaquim de Andrade e Maria Cândida de Andrade, meus familiares, ao Prof^o. Dr. Luiz Percival Leme Britto que me orientou e conduziu-me no caminho da ciência e por ter dado-me forças e apoio para que os nossos objetivos fossem alcançados. A minha esposa Valdenita Maria de Andrade que soube abdicar dos tempos que passei afastado da sua companhia para estudo e levantamentos de dados, bem como meus filhos Josafá Joaquim de Andrade Júnior e Joice Maria de Andrade que, com seu amor e carinho sempre me apoiaram para que eu alcançasse a finalização deste com êxito e, finalmente a todos os meus amigos.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a magnitude maior que é Deus, por ter me concedido mais uma vitória e a simplicidade de contemplar até uma flor silvestre que nasce nos campos e, convertê-las em metáforas de um amor sublime e eterno que renasce do coração como renasce o sol todas as manhãs.

A todos os membros da minha família, ao Prof^o. Dr. Luiz Percival que soube me orientar de forma sábia e pedagógica, a bancada formada pelos Prof^{os}. Drs. (a) Jorge Luís C. González, Maria Lúcia de Amorim Soares, ao coordenador do Mestrado, Prof^o. Dr. Wilson Sandano ao Dr. Marcos Reigota, Aos amigos (as) Aparecida Soares, Isabel Mastrandéa, Jossival, Lita e família e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para viabilização deste estudo.

Resumo

Este trabalho investiga a presença da literatura na formação do psicólogo, a partir da assunção de que a experiência estética implica formas de percepção da vida e do outro que são fundamentais na compreensão das formas de manifestação da subjetividade, assim como na constituição de relações inter-subjetivas. Para tanto, encaminhou-se um questionário sobre este tema a coordenadores de cursos de Psicologia de todo o país. A análise das respostas sugere que há um significativo reconhecimento de que a vivência literária e artística é importante na formação do psicólogo, mas não se verifica a presença efetiva deste componente na grade ou no programa curricular dos cursos de psicologia.

Palavras-chaves

Arte; literatura; experiência estética; psicologia; estudante de psicologia

Abstract

This research considers the presence of literature in psychology education. Assuming that aesthetic experience implies different forms of life perception, as well as the other person and, in this way are fundamental in the comprehension of the forms by which the subjectivity are manifested. In this way, we submitted a questionnaire on this theme to the psychology faculties coordinators all over the country. The analyses of the answers suggests that there are a significant consensus that the literary and artist experience is important in the education of the psychologist, but we did not recognize the effective presence of this component in the curricular grade or in the programs in the psychology courses.

Palavras-chaves

Arte; literatura; experiência estética; psicologia; estudante de psicologia

Palavras-chaves

Art; literature; aesthetic experience; psychology; student of psychology

Sumário

Apresentação	7
1. Primeira problematização	8
2. Alguns conceitos fundamentais para o debate	12
2.1. A dimensão humana	12
2.2. Ética e literatura	16
2.3. Estética e literatura	19
2.4. A dimensão humana da literatura	23
2.5. A função da estética na formação da subjetividade	43
2.6. A experiência estética na formação e na ação profissional do Psicólogo	48
3. A literatura nos cursos de psicologia	52
3.1. As bases do problema	52
3.2. Levantamento de Grade Curricular das Entidades de Ensino	52
3.3. Questionário aos coordenadores de cursos de Psicologia	57
3.4. Resultados	58
3.5. Análises dos resultados	66
4. Conclusão	68
5. Referências	69

1. Primeira problematização

A presente pesquisa tem como investigação o possível efeito da experiência estético-literária na formação do Psicólogo, buscando formular algumas indagações de forma ainda especulativa, sobre a relação entre literatura e ética neste processo formativo.

Supõe-se que, pela experiência estética, o ser humano se encontra, e este encontro ocorreria dentro de uma ética centrada no ser que busca a dignidade e participação social. As práticas de senso comum, em conjunto com a ciência, tendem a levar a pessoa – considerada em sua individualidade e em sua historicidade – ao encontro de indagações fundamentais, as quais possibilitariam encontrar respostas para problemas que causam inquietude, angústia, discórdia. Segundo Nunes:

A angústia, no sentido geral, dicionarizado, significa aflição ou ansiedade. Psicologicamente é um sentimento ambíguo: quem se angustia, sente-se atraído pela aflição que o domina, e quer, ao mesmo tempo, libertar-se dela. A vaga ansiedade manifesta no ânimo de correr aventuras, comum às crianças, e que embora se traduza pela expectativa de “coisas monstruosas e enigmáticas”, não tem um objeto definido, é angústia. Quem se angustia, não sabendo qual é a causa de seu estado de espírito, poderá dizer mesmo que é por nada que se aflige. (Nunes, 1967, p.66).

Nunes afirma que quem se angustia, “sente-se atraído pela aflição que o domina e quer ao mesmo tempo libertar-se dela”. Nenhum ser humano quer se sentir assim, pois a aflição e a angústia devoram o organismo e corrói a alma do angustiado, de tal maneira que compromete seu raciocínio e sua auto-estima.

Para compreender melhor esse ser humano que se angustia e que não sabe onde encontrar resposta para suas indagações, tem o psicólogo, hipoteticamente o profissional mais indicado para ajudar o indivíduo na busca para uma saída. Neste caso, se encontrado, passará a ter uma vida mais salutar e aceitar-se da forma que é, pois ninguém transforma ninguém a não ser o próprio quando aceita e procura a mudança. Nunes afirma que:

Se a abertura que a questão do ser pressupõe deve manter-se, e também manter-se o envolvimento de quem o propõe, e que qualifica o homem como um *dasein*, a caminho de si mesmo, um *weg-sein*, que tem que ser, a cada passo, o que ainda não é pela negatividade de sua própria finitude de mortal escorada no cuidado, então a liberdade para fundar converte-se em abono da essência da verdade, “numa exposição ao ente em seu desvelamento”, num abandono ou entrega (*Seinlassen*) ao ente que o abre, deixando-o ser que é. O *dasein* continua sendo o lugar da verdade originária, só que agora a abertura pertence ao ser e não a ele; dir-se-ia que a iniciativa vem do ser e não do homem. (Nunes, 1998, p. 52).

Nunes qualifica o "homem como deseim", que seria o caminho de si mesmo. Logo, o caminho de si mesmo é o encontro da pessoa em si e para si e não para o outro. Se, como afirma Nunes, "a iniciativa vem do ser e não do homem", então o homem é o instrumento das viabilizações que pode vir a concretizar. Para isto, haverá de encontrar um meio de aceitar-se e conduzir sua vida, dando a si próprio o valor que buscava e não havia encontrado. Nunes afirma que:

A psicologia diltheyana, descritiva e analítica, focaliza a vida anímica desenvolvida, analisando e descrevendo as conexões espontâneas que se oferecem à consciência, totalidades significativas, isto é, totalidades que surgem manifestando um sentido que lhes é inerente. Nesse caso, portanto, cumpre ao psicólogo descrever as conexões das vivências (Erlebnis) e captar-lhes o sentido. Sua tarefa não é explicar, mas compreender. A compreensão é o método que, respeitando a integridade da vida psíquica, tenta reconstituir, com os seus respectivos significados, as totalidades que nela se produzem. (Nunes, 1967, p.108).

Quando Nunes fala da integridade da vida psíquica, pressupõe a tarefa difícil de explicar significados, de entender o sentido das coisas e a totalidade que nela se produz.

Não é tarefa fácil descrever as conexões da vida anímica do ser humano. Mas, para isto, a ficção literária, que doravante chamarei de supra-realidade na literatura, pode nos auxiliar a entender o cotidiano da vivência destes indivíduos.

O valor da Literatura – diz Heidegger – é apreciado à medida da "atualidade do momento". Por seu lado, a atualidade é feita e dirigida pelos órgãos que forma a opinião pública civilizada. O movimento literário é um de seus agentes, e por agente é preciso entender aqueles que impulsionam os outros e são também impulsionados. Assim a poesia não pode aparecer senão como Literatura. Pelo fato de ser considerada meio de cultura (Bildung) e de um modo científico, ela é objeto de história literária. (Nunes, 1992, p.261).

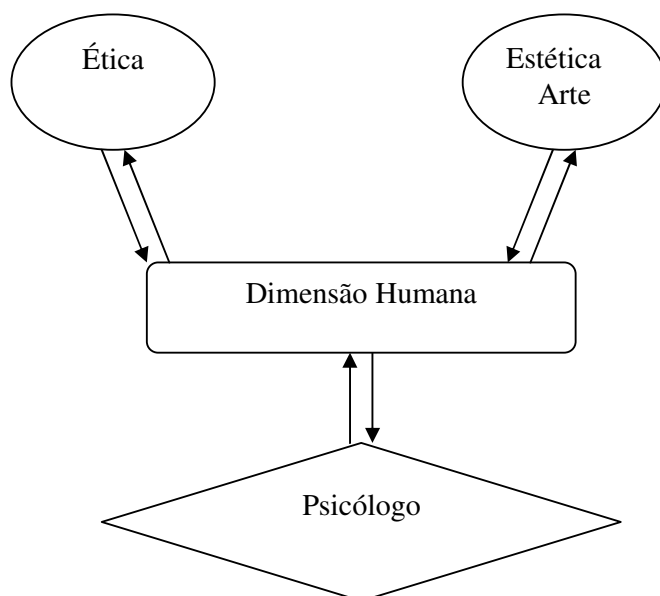
Nunes discorre sobre o valor da literatura, dizendo que a mesma "é apreciada à medida da atualidade do momento". E conclui o pensamento afirmando que "de um modo científico, ela é objeto de história literária". Baseando-se na essência da literatura, conferimos esta passagem que conotará sua supra-realidade. Nela vemos a realidade vivida na ficção, pois quem a conhece, jamais negará ou ocultará as pegadas deixadas pelos caminhos de veredas de Rosa.

Ah!, eu sei que não é possível. Não me assento o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto se saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece

de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido. (Rosa, 2001, p.31).

O ser humano é um divagador e, como tal, lê, pensa e, ao pensar, cresce mais do que pensa. Para ler e pensar precisa, em algum momento, sair de si e se envolver na ficção literária. O ser humano, no seu estado racional, sofre, pois a realidade, em muitas vezes, corrompe a alma e fere a matéria. Como afirma Aristóteles (ano, parágrafo 398) na discursiva da arte retórica e arte poética, “O fim interno do ser é o bem de si mesmo. Quanto ao conceito de bem, ele já vem da metafísica, porquanto é o ente como conveniente a si mesmo”.

Esta reflexão nos leva ao seguinte quadro



A presente pesquisa será realizada tendo como tema a relação entre a experiência estética literária na formação do Psicólogo. Este tema contribui para a reflexão de um pressuposto teórico que norteia a prática da formação dos estudantes de psicologia. Estes, uma vez formados, trabalharão diretamente com condições que envolvem emoção, razão e fobias diversas, o que os levará a trabalhar a subjetividade.

A pergunta assumida neste trabalho é: de que forma a *experiência estética* é considerada na formação do Psicólogo?

Desta primeira pergunta, derivariam outras, a saber:

Qual é o possível efeito da experiência estética na formação do Psicólogo?

Qual é a importância da experiência estética, vivenciar arte na formação humana?

Como na sociedade contemporânea se compreende esse objeto estético, a literatura?

Qual a relação entre a literatura e a ética?

Qual a relação entre esta experiência e a condição humana com a profissão x Psicologia?

Quero esclarecer que estas perguntas não podem ser amplamente respondidas no âmbito desta pesquisa, ainda que de alguma maneira estejam subjacentes à análise.

A experiência estética será discutida fundamentalmente pela literatura, pouco considerando as outras artes. Não por essas não serem importantes, mas, por não está no contexto da investigação. O mais importante, neste momento, é levar a discussão, sem a pretensão de esgotá-la ou de apresentação de solução.

2. Alguns conceitos fundamentais para o debate

2.1. A dimensão humana

A dimensão humana diz respeito ao valor concedido à condição que o ser humano pode alcançar pela ação reflexiva, na tentativa da decifração das coisas existentes e não existentes. Para isto, quero registrar nas páginas desta pesquisa, meus pensamentos e imagens que auxiliem a visualizar e decodificar as coisas até com os olhos fechados. Conforme Calvino preconiza:

Se incluí a visibilidade em minha lista de valores a preservar foi para advertir que estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens. Penso numa possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, auto-suficiente, “icástica”. (Calvino 1990, p.108).

Há algumas coisas que escapam à consciência e outras que, na verdade, não lhes são dadas o valor que merecem. Essa é uma visão dimensional, onde os fatos são passíveis de observações, avaliações e análises para descobrir o ser psicológico que somos e de que forma agimos diante de situações adversas, contraditórias e possíveis subterfúgios, buscando palavras, sonhos, imagens, fantasias. Para isto, a linguagem do discurso pode até ser primária, porém, dentro dos padrões arquetípicos da psicologia apresentada por Jung e aqui representada por Hillman,

a linguagem primária e irredutível desses padrões arquetípicos é o discurso metafórico dos mitos. Eles podem assim ser compreendidos como os padrões fundamentais da existência humana. Para estudar a natureza humana no seu nível mais básico, é necessário voltar-se para a cultura (mitologia, religião, arte, arquitetura, o épico, o drama, o ritual) onde esses padrões são retratados. Esse movimento, que se afasta das bases bioquímicas, histórico-sociais e comportamentais da natureza humana, e privilegia a imaginação, foi articulado por Hillman como “a base poética da mente”. (Hillman, 1998, p. 23).

A dimensão humana nos remete à filosofia e à dimensão cognitiva, aliando-se com a reatualização da crítica cultural, fazendo total referência à arte, a poesia, a fantasia, a alma sofredora que tanto aflige o coração e logicamente a procura do eu em si e não no outro.

Ao tratar da arte, ou particularmente da literatura e da poesia, o filósofo já se defrontava com os problemas mais gerais do pensamento- o ato de conhecer, a linguagem, o Eu, a relação entre alma e corpo, o sonho, a simulação, a sinceridade, as regras morais – que também faziam parte da experiência

do poeta, subjugado à cadência das idéias, ao ritmo do sentido, flama ou claridade, como a “cintilação serena” do céu, ilusório disfarce do devir ao qual vâmente se opõe o cruel Zenão de Eléia, de Lê cimentiere Marin. (Nunes, 1998, p.65).

O outro não é somente o indivíduo, pois o meio em que vive e se relaciona, encontra-se nos dois universos, tanto do psicólogo, quanto do paciente. São regidos, conduzidos e impulsionados por regras impostas por uma sociedade cercada de preconceitos, de rótulos e discriminação que não permite a ninguém passar por ela sem antes provar do seu chicote dotado de um açoite medonho e sem um resquício de temor, como bem coloca Francis Imbert.

Certamente, com Durkheim, encontramos-nos nos antípodas de um Freud que se esforça por fazer ouvir que “o homem torna-se neurótico porque não pode suportar o grau de renúncia exigido pela sociedade em nome de seu ideal cultural”. Assim, do “conflito” entre a aspiração à felicidade individual e o desenvolvimento da civilização, resultam, entre outras conseqüências, determinadas restrições no plano da vida sexual, em relação às quais “somente os débeis podem acomodar-se”. (Imbert, 2001, p.118).

Para introduzir a dimensão humana, não precisamos ter medo, tampouco ficar alienados quanto a esta questão, pois em tudo há uma ótica de valor e mensuração e a esta tem um valor que ultrapassa as barreiras do silêncio e as muralhas do impedimento da flexão do pensamento e das investigações que buscam a cada vez mais aprofundar-se na ciência para através dela, obter-se sucesso.

Na dimensão do ser humano, podemos afirmar que há luz no fim do túnel. Luz que podemos acender e iluminar nossas mentes, para que possamos dar mais vida à palavra que produz, conduz e mostra saída. Se somos seres que simbolizamos todos os outros, como afirma Lajolo, então, a dimensão humana, não é algo suposto e sim, real.

Bichos, plantas, rios e montanhas recebem nomes. Foram reproduzidos em desenhos, foram simbolizados por sons e sinais gráficos. Completou-se a transformação: O homem não era mais um ser entre outros seres, mas o ser capaz de simbolizar todos os outros. E, nessa faculdade de simbolização, estava latente a possibilidade de conhecimento e domínio. (Lajolo, 1982 p. 32).

Latente é a forma de ver o ser humano na sua dimensão real através da literatura, pois quando supomos que é uma história na ficção é porque não queremos enxergar a realidade. O que chamamos de ficção é, na verdade, uma história contada em forma de ficção, pois vemos passar cenas que, se fossem ficção, não seriam

supra-real, pois o que é real se sente ver e dependendo do que estamos vendo. Lispector é real quando diz:

Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há verdade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial. (Lispector, 1998, p.12).

O delicado essencial não é ser piegas, pois piegas é não ter a sensibilidade ver o que na verdade é real. Na verdade, é uma forma de pobreza que supera qualquer ser humano. Na dimensão do ser humano, pode-se ver o que é uma história, um sonho ou uma fantasia. O que investigo nesta pesquisa, não tem nada de fantasia ou algo neste sentido parecido que nos leve a pensar em ficção, mas algo que nos leva a pôr a mão na consciência e admitir que a literatura fale e discorra sobre fatos reais do cotidiano das nossas vidas. E porque não refletir sobre a ótica deste ato? Lispector afirma:

Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulso. (Lispector, 1998, p.11).

Sentir é para aqueles que estão vivendo ou passando pelo fato real ou sentir como assim o fosse. É se pôr no lugar do outro para vivenciar a dor daquele que sente. Só quem não sente este cansaço é quem viaja através da literatura, divagando sobre as asas do pensamento com os pés suspensos do chão. Seria bom se acreditássemos sem ver, pois poderíamos transformar muitas coisas que poderiam ser transformadas. Seria ler Lispector e acreditar nela sem ter visto o que ela viu ou até não viu e registrou e disse:

Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando. (Lispector, 1998, p.10)

2.2. Ética e literatura

Ética é um conjunto de princípios, valores, fundamentos que regem formas de ser da humanidade e do indivíduo. Da ética resulta em grande parte a moral, a lei, resulta a forma de compreender o outro, resulta dos ditames do comportamento. Há uma visão equivocada da palavra ética, que a reduz a potência da moral, de modo que ética e moral como sendo a

mesma coisa. Na verdade, a moral é um conjunto de regras de comportamento, e a ética um conjunto de princípios que regem a sociedade.

Como ética do ser, a filosofia moral de Aristóteles se diferencia da ética autônoma, ou formalista, de Kant. Esta não se apóia na natureza dos objetivos a realizar, e sim na simples *boa vontade*, a qual assim se estabeleceria aprioristicamente. Em oposição à ética autônoma de Kant, a ética de Aristóteles é uma ética heterônoma, teleológica, finalista.

Ética, no sentido amplo de ethos, pode ser e de agir do homem, é que a importância ética da leitura está no seu valor de descobrir e de renovação para a nossa experiência intelectual e moral. (Nunes, 1998, p.175).

Olhando a ética pela ótica de Nunes, podemos interagir com o outro em praticamente de muitas maneiras, como, por exemplo, deixar de por um filho na escola, podar-lhe o direito de aprender para os embates da vida, pois é nela que, quando crescer, este passará interagindo com o outro e participando de quase todas as concepções adversas do meio em que ele viverá. Para isto, apresento na literatura parte desta ética moldada na educação, com a passagem da vereda de Ramos:

Agora queria entender-se com a sinhá Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha. (Ramos, 1998, p. 21).

O pai Fabiano, mesmo sendo bruto por formação escolar não ter, mas tem dentro de si, a sensação de que aquela vida que vive não quer para os pequenos (filhos). Aqui vemos claramente a ética conferindo-lhe uma razão, que apesar do não conhecimento da decodificação dos signos, algo no seu íntimo lhe diz que é necessário colocar os filhos na escola, pois seu exemplo de vida não deixaria honra nem pra si nem para ninguém.

Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... Nem sabia. (Ramos, 1998, p. 36).

Nunes faz citação de Sócrates, quando o mesmo fala da virtude conceito básico da ética relacionado com conhecimento da ciência.

Sócrates afirmava que a virtude, conceito básico da Ética dos gregos, relacionando a razão de bem agir dos indivíduos com o bem político, da Polis, é conhecimento ou ciência (episteme). (Nunes, 1998, p.177).

O ser humano não tem escolaridade, não tem leitura, faz-se nulo o conhecimento à ciência e, assim, resume-se ao sentir e não ao discernir entre a palavra, para articular com o outro ou até interpretar um texto literário para dar-lhe a possibilidade de ampliação desses conhecimentos que vão além do sentir, pois o sentir diverge de cada um dos seres humanos.

Nossos atos deixam claro nosso sentimento, seja qual for a modalidade, e provamos isto através das atitudes que viabilizam e exterioriza o ser que somos, principalmente quando estamos fora da razão, quando quebramos as regras e ferimos a ética, tornando-a inexistente pelo nosso feito, como nesta passagem de *Vidas Secas*, no diálogo de Fabiano:

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavras à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Lá lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente deveria ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra. (Ramos, 1998, p.93).

Mas, isto só não ocorre na literatura de Ramos. Em *Lispector*, também podemos ver essas ocorrências que demonstram a distância da ética e a preponderância da imoral, dos bons costumes e de respeito ao próximo, pois quem faz, quem fala e quem produz essas coisas ao outro ser humano é um ser imprestável à sociedade:

Não desconfiava que as cariocas tivessem nojo daquela meladeira gordurosa. Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. Era mais passível de salvação que Macabéia, pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. (Lispector, 1998, p.55).

Olímpico é semelhante a Fabiano. Quando alguém lhes tira de si o direito de explicitar sua opinião, pois sua opinião vive na ponta da faca e da espingarda. Quando quer desfrutar de alguma mulher, fala para Macambéia que para conseguir uma é só ir até ao bairro do mangue, pois mulher “rapariga”, lá é um artigo muito barato e por essa razão, ela, Macambéia, não precisa saber de nada.

– E para que serve saber demais? O mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais. – Mangue é um bairro? – É lugar ruim, só pra homem ir. Você não vai entender, mas eu vou lhe dizer uma coisa: ainda se encontra mulher barata. (Lispector, 1998, p.55).

A filosofia é uma das vertentes que trata do comportamento humano, numa tentativa de compreender este ser e, de até às vezes direcioná-lo. Podemos também

chamá-la de prática ou filosofia moral, até porque está intrinsecamente ligado a fatos morais. A Ética é na verdade um desses campos de investigação diversificado e mais vasto da história da filosofia, dos antigos gregos estendendo-se até os dias atuais, a Ética tem sido estudada com muito vigor e sabemos que, jamais deixará de ser estudada em todos os outros ramos da filosofia.

Sócrates afirmava que a virtude, conceito básico da Ética dos gregos, relacionando a razão de bem agir dos indivíduos com o bem político, da Polis, é conhecimento ou ciência (episteme). (Nunes, 1998, p.177).

A Ética que trato aqui é o discurso crítico da moral, no sentido de avaliar, julgar e promover uma certa ordem na estreita ligação entre a ética e a literatura, onde a questão humana possa ser problematizada no sentido das disposições da vida humana, investigando, entendendo e discursando sempre sobre as origens e a imensa importância do seguimento desta ética abordada, pois na medida em que os homens surpreendem-se convivendo em grandes grupos, é preciso também que assumam diversas regras na parte comportamental para que mantenham uma coesão entre grupos.

Dentre os seres, uns são por natureza, outros por outras causas". Ao contrário dos objetos fabricados, os entes que existem por natureza possuem em si mesmos "um princípio de fixidade e de movimento". Mas são também substâncias, posto que "sujeitos de mudança, e a natureza está sempre num sujeito". Outras causas (material, instrumental, formal e final) explicam a geração e a corrupção, a mudança, o vir-a-ser, sob o pressuposto de que o movimento "é a enteléchia do que está em potência enquanto potência. (Nunes, 1992, p.37-38).

2.3. Estética e literatura

Ética é um conjunto de valores que rege o comportamento e as formas de ser na vida social. Estética é o princípio do belo, constitutivo do humano. Não existe belo para os animais, não existe estética para os animais. É evidente que a estética muda seus critérios, muda com o tempo.

A estética acaba sendo a forma humana de projeção do ser objeto fantástico, medos, sonhos, transgressões. Mas, não é o resultado, é também o fator que orienta a forma como se dá essa produção que se chama arte. A estética se faz pela contemplação, pela admiração, pela experimentação, enquanto que a ética se faz fundamentalmente pela forma diferente do ser racional. A literatura é uma arte? A dimensão estética é o como substitutivo da literatura.

Qual é a relação entre o ético e o estético? A idéia entre o contemplativo e o racional se equiparem na dimensão humana. A estética permite ao homem à sublimação, a transcendência, a catarse.

Segundo o RUSS, em seu *Dicionário de Filosofia, estética* (in *Aesthetics*, fr.Estbétique, al.Aesthetik, it. Estética) designa a ciência (filosofia) da arte e do belo. O substantivo foi introduzido por Baumgarten, por volta de 1750, num livro (*Aesthetica*) em que defendia a tese de que são objetos da arte as representações confusas, mas claras, isto é, sensíveis, mas “perfeitas”, enquanto são objetos do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente “doutrina do conhecimento sensível”. Kant, que fala de um juízo estético, que é o juízo sobre a arte e sobre o belo.

Na arte buscamos o contemplativo. O belo, a magia das imagens que nos permite ver o que a mente descreve como leitura, puramente convertidas no que queremos acreditar e vê. Para Platão, raciocinar é arte, como a filosofia no seu ápice mais eclético, eruditismo cristalizado.

Já Aristóteles estreitou ao máximo o conceito de arte, tirando-o do âmbito da ciência, dividindo o que pertencia à ciência e o que realmente pertencia a ação da produção. Para ele, somente o que é objeto de produção é objeto de arte.

Aristóteles restringiu notavelmente o conceito de arte. Em primeiro lugar, retirou do âmbito da arte a esfera da ciência que é a do necessário, isto é, do que não pode ser diferente do que é. Em segundo lugar, dividiu o que não pertence à ciência, isto é, o possível (que “pode ser de um modo ou de outro”) no que pertence à ação e no que pertence à produção. Somente o possível que é objeto de produção é objeto de arte. Nesse sentido, diz-se que arquitetura é uma arte; e a arte se define como o hábito, acompanhado pela razão, de produzir alguma coisa (autor...).

A Estética é considerada atualmente como a busca frenética do conhecimento do belo, ou seja, a beleza em sua mais perfeita forma. Mas, no seu sentido mais geral, “estética” refere-se a tudo que parece ou pode aparecer, ou melhor, ser percebido pela percepção, sensorial / visual. Para a filosofia, Estética ela é um campo de estudo que busca investigar as várias possibilidades teóricas do mundo sensorial / visual, enquanto objeto de manipulação e da imensa criatividade artística.

Grandioso, para Heidegger, é o esplendor da arte helênica, e o seu esplendor, a força germinativa que exerceu sobre o todo da vida e da cultura gregas, de que foi o acontecimento historial. Um pensamento precoce, ainda não propriamente filosófico, o “saber claro” dos gregos, que prescindiam da Estética, certamente alusivo à posição dos pré-socráticos, acompanhou, concordante, a grande arte em sua fase de esplendor. Somente quando,

cessado o esplendor da arte grega, ela torna problemática, e já então apenas provedora de vivências, é que a reflexão estética paralela começa. (Nunes, 1992, p.251).

Não insistimos na procura do admirável, da forma e formato do lindo, do “bello” através do olhar contemplativo e sensível. Investigamos algo novo, através de uma ótica que está para além do mero “ver comum ou simples” do cotidiano da rotina diária. Buscamos exatamente a ótica da criatividade do artista e sua sensibilidade, pois ela é capaz de traduzir a supra-realidade de maneira que venhamos a percebê-la como um estado diferente de ver as “coisas”.

Em suas reflexões, dois termos aparecem continuamente postos em confronto: indefinido e infinito. Para um hedonista infeliz, como era Leopardi, o desconhecido é sempre mais atraente que o conhecido; só a esperança e a imaginação podem servir de consolo às dores e desilusões da experiência. O homem então projeta seu desejo no infinito, e encontra prazer apenas quando pode imaginá-lo sem fim. Mas como o espírito humano é incapaz de conceber o infinito, e até mesmo espantado diante da simples idéia, lhe resta senão contentar-se com o indefinido, com as sensações que, mesclando-se uma às outras, criam uma impressão de ilimitado, ilusório mas sem dúvida agradável. (Calvino, 1990, p.78).

Quero que as “coisas / obras” pela ótica da essência, do sensorial / visual, de forma que não contenham somente a idéia geral da beleza, mas sua essencial alma e, dessa forma, poder conjecturar e resolver a questão transferindo a noção do belo do objeto para o sujeito.

A possibilidade dessa tentativa recaiu na órbita da Estética de Hegel. A obra de arte integral é uma defesa do ideal contra o avanço do mundo prosaico da sociedade burguesa, uma proteção contra o envolvimento da alma na “noite imensa do sentimento”, que o romantismo revolveu. Daí por diante, a Estética e a História da arte oferecerão mais para o cultivo do espírito do que o próprio exercício da arte, concorrendo, na qualidade de produções da cultura, com a criação artística, que se torna cada vez mais consciente e reflexiva. Surgiria então o homem estético, “que se crê abrigado e justificado no seio de uma cultura. (Nunes, 1992, p.252).

Se sairmos à procura do belo em si mesmo, acabamos por fabricar o “bello”, a produzi-lo por assim viabilizá-lo. A beleza pode estar em todas as coisas abstratas que os homens mantêm através dos tempos, com o mundo e com as “coisas / objetos” que estão correlacionados com ele.

Caberia a Hegel anunciar, em suas lições de Estética, que a arte é para nós, quanto à sua suprema distinção, uma realidade passada. Perdido o seu vigor, esgotada como potência da vida do espírito, convertida, conforme diária Nietzsche, num luxo, a obra de arte passa à categoria de objeto estético, perdurando o seu cultivo “dentro da esfera do gosto artístico de algumas camadas sociais” (Nunes, 1992, p. 251).

2.4. A dimensão humana da literatura

No novo dicionário da língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira define literatura:

Literatura (Do lat. *Literatura*). S.f. **1.** Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. **2.** O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. **3.** Os homens de letras: *A literatura brasileira fez-se representar no colóquio de Lisboa*. **4.** A vida literária. **5.** A carreira das letras. **6.** Conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários: *estudante de literatura brasileira; manual de literatura portuguesa*. **7.** Qualquer dos usos estéticos da linguagem: literatura oral [p.v.] **8.** Fam. Irrealidade, ficção: *Sonhador, tudo quanto diz é literatura*. **9.** Bibliografia: *Já é bem extensa a literatura da física nuclear*. **10.** Conjunto de escritos de propaganda de um produto industrial.

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa-se, então, a viver outra vida, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outras, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

Para o professor Vítor Manuel Aguiar e Silva, apud Lajolo 1982,

a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, uma atividade artística que, sob multiformes modulações, exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. Foi assim com Esquilo e com Ovídio, com Petrarca e com Shakespeare, com Racine e com Sthen-dal, com Eça e com James Joyce; continua a ser assim com Sartre e com Beckett, com Jorge Amado e com Nelly Sachs, com Norman Mailer e com Cholókhov, com Miguel Torga ou com Herberto Helder. E assim há de continuar a ser com os escritores de amanhã. Apenas variará o tempo e o modo. (Lajolo, 1982, p. I).

No universo da literatura, há caminhos que propiciam as descobertas de novos horizontes que abrirão o “aprender a aprender” sobre o ser humano de forma receptível. Receber e passar é a unilateralidade de um apreender conjunto que, sendo ludicamente, não exigirá esforço. Quando falamos de “experiência literária”, falamos do vivenciar e trabalhar o texto literário.

Se estamos trabalhando com a formação do psicólogo, estamos trabalhando com a dimensão humana, logo, entra a arte, que é sem sombras de dúvidas, a dimensão da procura pelo encantar através do velho que a cada dia se renova, pois a

obra literária um objeto social que, quando revivido na palavra que brota da língua a cada verso rimado, não podemos negar o sonho.

O artista cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São verdades humanas que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida.

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades comuns a todos os homens e lugares, porque são verdades da mesma condição humana.

Nada pode tão sinceramente quanto a criação artística, transbordamento de embriagues dionisíaca e contida visão sonhadora apolínea, opor-se, de forma enérgica, à regência da verdade imutável, porque somente a arte “trata da aparência como aparência. Ela não quer enganar, mas é verdadeira”. Mentira vital a que falta a dissimulação do saber intelectual, afirmativa da aparência como aparência, e por isso verdadeira, sem cair no logro da vontade de verdade, o direito da arte de concorrer com o conhecimento foi tolhido pela Filosofia, por força do mesmo processo em que a Filosofia constituiu-se em dialética e instituiu-se em ciência soberana. (Nunes, 1992, p.236).

No sentido restrito, literatura é a arte do uso da palavra. Do mesmo modo que a música se faz pela combinação dos sons através das notas musicais, da mesma forma que a pintura faz nos jogos das cores, a literatura é arte feita com palavras de forma muito individual, criativa e que tem a finalidade de causar emoção, estranhamento, reflexão.

A literatura desenvolveu várias técnicas para retardar o curso do tempo; já recordei a iteração; resta mencionar a digressão. Na vida prática, o tempo é uma riqueza de que somos avaros; na literatura, o tempo é uma riqueza de que se pode dispor com prodigalidade e indiferença: não se trata de chegar primeiro a um limite preestabelecido; ao contrário, a economia de tempo é uma coisa boa, porque quanto mais tempo economizamos, mais tempo poderemos perder. (Calvino, 1990, p. 59).

Ela é capaz de levar à apreensão de uma “realidade especial e particular”, seja no gênero prosa ou poesia, que aborde experiência da realidade do cotidiano da vida ou a partir da experiência pessoal de quem a escreve. O texto pode apresentar predominância no aspecto subjetivo e pessoal, fazendo referência ao mundo interior do artista, dependendo do seu estilo o gênero pode ser lírico, épico e dramático.

O que assegura a justaposição dessa cadeia de acontecimentos é um liame verbal, a palavra “amor” ou “paixão”, que estabelece uma continuidade entre as várias formas de atração, e um liame narrativo, o anel mágico, que esta-

belece uma relação lógica, de causa e efeito, entre os vários episódios. (Calvino, 1990, p.40).

Cada época retrata e representa sua história e, para isto, para apreciá-la, é necessário contextualizá-la em seu tempo histórico, social, econômico e cultural.

Na literatura uma busca do conhecimento, para mover-me no terreno existencial necessito considerá-lo extensível à antropologia, à etnologia, à mitologia. Para enfrentar a precariedade da existência da tribo – a seca, as doenças, os influxos malignos – o xamã respondia anulando o peso de seu corpo, transportando-se em vôo a um outro mundo, a um outro nível de percepção, onde podia encontrar forças capazes de modificar a realidade. (Calvino, 1990, p.39).

Em Dom Casmurro, Bentinho é o narrador-personagem que conta sua vida, especialmente seu relacionamento com Capitu. Bentinho é um esposo ciumento, que acredita ter sido traído por sua esposa, Capitu, e Escobar, que, por sua vez, se diz seu melhor amigo. Assim, imagina que Ezequiel seja filho de Capitu e Escobar. Bentinho vê no menino semelhança perfeita de Escobar. E nós, na qualidade de leitor, somos de certa forma levado a acreditar que houve realmente adultério, porém, como só conhecemos a versão da visão de Bentinho, instaura-se em nós a dúvida.

Acreditar é quando você lê na literatura uma ficção real e sente na pele a realidade vivida por personagens, como José, Maria, Severino. E ver que esta história é igual àquela que você assiste nas reportagens ou filmes, ou quando você viaja para o Norte, Nordeste e pode ver a aquilo que chamam de ficção, como, realidade na ficção. Só que esta enche os teus olhos de lágrimas, porque o que você está vendo não é algo ficcionado, e sim a verdade nua e crua: os raquíticos em busca de um pedaço de pão para minimizar a fome que não pede licença para chegar com hora marcada. Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, mostra essa realidade quando diz:

Sinhá Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos, da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para ele um preá. (Ramos, 1998, p. 34-35).

Para esta gente que sobrevive isto não é uma ficção, e sim a mais vil degradação de um povo em busca de uma vida mais digna. Para aquele que escreve, seja a realidade em forma de ficção literária, exatamente àquela que faz o leitor marejar os olhos ao decodificar os signos de uma história real chamada ficção. Lispector aponta esta dimensão ao dizer:

Grito puro sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de morta-

dela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (Lispector, 1998, p.13).

Isto é uma história de ficção ou um fato real? No papel, denominam de história de ficção, mas, a bem da verdade, quem vê, sente e vivencia não denomina isto de história, e sim de calamidade. Um material que os estudantes do curso de Psicologia jamais deveriam dispensar, pois há muitas causas a serem estudadas. E o estudo que deveria ser aprofundado pela experiência estética na tentativa de resgatar do suposto indiferenciável para o diferencial, ou seja, do subjuntivo para o objetivo.

A subjetividade e a objetividade do conhecimento dar-se-á a partir da empiria investigada através da concepção lógica do conteúdo a ser investigado, neste caso, a experiência estética na formação do Psicólogo, que busca através dos fatos literários, comprovar as neuroses, as psicoses, as fobias, as neuroses vividas pelos personagens da literatura, mas que, no dia-a-dia, estão postas diante dos nossos olhos. Isto poderá ser objeto de pesquisa para aumento de aprendizagem; como afirma Nunes:

O conhecimento de qualquer parcela do mundo histórico é também histórico e reabre o processo de autognose – o conhecimento do homem por si mesmo, compreendendo-se nas suas produções exteriores, que são, ao mesmo tempo, formas expressivas. Ao exteriorizar-se, a vida se objetiva e se expressa. Sua própria estrutura é hermenêutica. Em última análise, a possibilidade das ciências do espírito deriva do caráter hermenêutico da experiência humana, que se estrutura historicamente. (Nunes, 1992, p. 21).

A experiência humana, segundo Nunes, é histórica, esta que todos vêem, assistem e não têm intenção de passar, pois é real, fere, dói e deixa cicatrizes que nem sempre pode ser cicatrizada. Quando falamos da contribuição que esta experiência pode dar, é porque supomos que podemos comprová-las na própria literatura. Vejamos o que diz Ramos:

E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos. (Ramos, 1998, p.126).

Nessa dimensão, não podemos admitir que isto é ficção, pois estamos diante de uma voraz que aquela região apresenta, e essa gente, ao chegar na grande cidade, depara-se com outros problemas, como falta de moradia, conhecimento tecnológico e tantas outras coisas. Será que esta gente tem problemas suficientes que dê

para serem analisados e avaliados? Os problemas psicossociais comprometem em todos os sentidos ou não?

Será que os estudantes de Psicologia têm na literatura material de estudo e pesquisa ou não? E, uma vez como Psicólogos, irão ou não se deparar com essa gente nas salas das empresas ou nos bancos de RH de captação de mão-de-obra barata?

Há ou não há materiais de provas para serem avaliados nestas experiências estéticas literárias? Pode-se negar o que é prova cabal que está diante de nossos olhos? E em que dimensão está esta gente?

Se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas um soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. (Ramos, 1998, p.67)

Para Nunes, “o ser humano tem por natureza outras causas”, e todas defendem sua percepções da vida, certas ou erradas, pois, em sua ótica, mesmo que para outros estivesse errado, para si estaria certo.

“Dentre os seres, uns são por natureza, outros por outras causas”. Ao contrário dos objetos fabricados, os entes que existem por natureza possuem em si mesmos “um princípio de fixidade e de movimento”. Mas são também substâncias, posto que “sujeitos de mudança, e a natureza está sempre num sujeito”. Outras causas (material, instrumental, formal e final) explicam a geração e a corrupção, a mudança, o vir-a-ser, sob o pressuposto de que o movimento “é a enteléchia do que está em potência enquanto potência”. (Nunes, 1992, p. 37-38).

O que é a potência do ser humano que não a dimensão em que vive e ocupa no espaço em que convive, agindo e reagindo ao interagir no meio e com quem se relaciona, sejam favoráveis ou desfavoráveis, na mudança o ser humano deve vir-a-ser e, para isso, procura encontrar as possibilidades que o favoreça pra tal mudança potencializando-se.

Aqui usada no plural, a palavra possibilidade está mais próxima da acepção de potência já determinada pela existência, antes de concretizar-se numa dada instância empírica. Quer isso dizer que qualquer espécie de “comportamento” ou de “atividade” do homem é um modo de sua existência, e como tal uma possibilidade do dasein. Cada modo de existência traz a compreensão de nós mesmos e do mundo. Projetar-nos em nossas possibilidades também significa o liberá-las, porém sempre a partir da possibilidade preliminar constitutiva da situação fáctica desencoberta na disposição-o que igualmente esclarece não só que a idéia de projeto contraste com o molde fichtiano da atividade (Tathandlung), como também que o liberar que implica difere do espírito concebido por Hegel, enquanto sujeito ou consciência de si elevada ao grau de saber absoluto. A disposição impregna o compreender, que se realiza afetivamente. (Nunes, 1992, p. 100-101).

Lançar-se para diante não que dizer que é só um deslocamento do corpo físico no espaço. Tratando-se de ser humano, para mudar de espaço, envolve uma série de outros atributos necessários para chegada ao lugar onde pretende fixar-se. Precisar desde a condição financeira ao apoio psicológico e, para tal, pressupõe que o psicólogo o encaminhará numa direção mais propícia. E a literatura pode oferecer uma vivência ímpar da própria condição de existência:

Que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral de tudo que chamamos de si mesmo, se isso tudo não tivesse passado à linguagem, articulado pela literatura?', pergunta Paul Ricoeur. Nessa indagação delinea-se o alcance ético das obras literárias: o saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários, como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários. (Nunes, 1998, p.178).

O que saberíamos do ódio, do amor, da literatura ou dos sentimentos mais primários se não os tivéssemos, ou vivêssemos? Do ético, se não vivêssemos o ético? Talvez esteja aí a resposta: as pessoas às vezes não se compadecem do outro por não viver ou passar o que o outro passou. Porém, na literatura, podemos viver e sentir tudo isso. A diversidade do ser humano está na compreensão do meio em que ele vive, porém, só se encontra aquele que primeiramente encontra a si mesmo.

Isto faz lembrar o sabor: há aqueles que gostam de algo doce e outros do salgado, a escolha é sempre do sentidor, daquele que escolhe. Forma igual para a literatura. Antes de descobrir no plano real os males que afligem o outro, percebe-se na literatura a chance de se antepor a esses eventos que o estudante de Psicologia poderá agregar. É através da leitura de textos literários antecipará este desequilíbrio da mente, fazendo contatos através da experiência estética literária. Nunes diz:

O destinatário do texto, o leitor, é sempre real. É nele e por ele que o sentido do texto se efetua e a obra ganha a sua vida própria, história, reavivada em tempos e épocas diferentes. Desse modo, pode-se admitir que a literatura demanda ao leitor o exercício de uma liberdade bem maior no intercâmbio com o sentido do texto do que a do intérprete de escritos filosóficos, obrigado a seguir a esteira de uma argumentação e a obedecer à ordem dos conceitos, no desenrolar de um discurso coerente, reputado sem fissuras. (Nunes, 1998, p.179).

E se alguém negar essa realidade, não quiser ver, sentir, ouvir? Então, que vá ao encontro dessas histórias de ficção e verá o que é uma história real. Assim como os hermeneutas não negam a validade do conhecimento, da natureza do homem e sua autonomia tangível, também deveríamos negar a imaturidade e aceitar o que é postulado para todos nós, na teoria e na prática. Como afirma Nunes:

Os hermenutas não negam a validade do conhecimento teórico. Mas ao descartar-lhe a importância exclusiva, fazem-no argumentando que o fundamento de seus princípios recorre a pressuposições inalaradas a respeito da realidade e do homem: uma delas é a natureza tangível do real, objeto de representação, como matéria de enunciados verdadeiros; outra é a autonomia do homem, com razão ou espírito, apto a captar, no espelho dos conceitos, a essência transparente da realidade. O homem mesmo, segundo a metáfora dessa pressuposição que Rorty prefere, é um cristal, análogo à transparência nele refletida. (Nunes, 1998, p.88).

Se somos um cristal e acreditamos na imagem que refletimos, então o que refletimos diante do olhar crítico e da análise de um profissional psicólogo ao deparar-se com essas convulsões do ser humano em tão repentina mudança? Essa imagem refletida é a que realmente se passa pela mente de cada pessoa?

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba rui-va e suja, irresoluto, examinou os arredores. (Ramos, 1998, p.10).

Nesta dimensão, saímos da idéia fixa da veia literária, e o que venho chamando de história na ficção já não é mais uma leitura pela ótica da literatura e sim outra, que exige a distinção entre o real e real comum filosófico, pois na vida e no plano real só sabe-se do gosto de algo quando se experimenta, o resto é suposição. Essas experiências na pele é de quem ensina a verdade.

Esta dimensão não está no plano do sensacionalismo nem destoante do mundo comum, mas sim numa leitura fenomenológica da experiência no pântano do caos social, pois não relato a falsa evidência da continuidade entre lógica e existência, mas na perspectiva epistemológica medida entre o objeto real e o objeto de conhecimento, ou seja, a pura representação da verdade silenciada.

Nietzsche declarou que a sua Filosofia era “um platonismo invertido”, ou seja uma Filosofia empenhada em subverter a hierarquização platônica da verdade em dois minutos separados, o mundo das idéias, superior, essencial e verdadeiro, e o mundo, aparente, ilusório e inferior, que existe como reflexo do primeiro. “As razões que fizeram com que ‘este’ mundo fosse chamado de mundo da aparência provam antes a sua realidade – uma outra espécie de realidade é absolutamente indemonstrável”. (Nunes, 1992, p. 235).

Rasas são as histórias que ficam na periferia e não transpõem a profundidade da experiência nas cenas da vida real, pois essas coisas só mexem com o leitor quando aproximadas do plano da realidade. A história verdadeira não segue ordem linear, porque as razões não permite, o ser humano é mutável e muda o seu comportamento a cada instante. Nessa circunstância, será inaceitável o psicologismo ou sim uma que venha minimizar a dimensão que este ser humano atingiu. A expressão artística através da teoria denuncia a potência que essa gente alcançou através de

uma dimensão não apresentada na beleza da arte, pois é a verdade imutável, como diz Nunes no parecer de Nietzsche:

É muito significativo que Nietzsche fale de uma restituição do direito da arte, coloca a serviço da liberação da vontade de potência contra a hegemonia do saber teórico, e que a criação artística parecesse a ele o único meio terapêutico do niilismo. “Agora nós diremos a arte contra o saber: retorno à vida! Domínio do instinto de conhecimento! Reforçamento dos instintos morais e estéticos!” Nada pode tão sinceramente quanto a criação artística, transbordamento de embriagues dionisíaca e contida visão sonhadora apolínea, opor-se, de forma enérgica, à regência da verdade imutável, porque somente a arte “trata da aparência como aparência. Ela não quer enganar, mas é verdadeira”. Mentira vital a que falta a dissimulação do saber intelectual, afirmativa da aparência como aparência, e por isso verdadeira, sem cair no logro da vontade de verdade, o direito da arte de concorrer com o conhecimento foi pela Filosofia, por força do mesmo processo em que a Filosofia constituiu-se em dialética e instituiu-se em ciência soberana. (Nunes, 1992, p. 235)

Sim, objeto literário é ao mesmo tempo, objeto de estudo através da experiência captada nas leituras que os farão percorrer através das tramas complexas que refletem as verdades históricas que deliberadamente exclui essa gente do convívio social, abolindo as chances do resgate da cidadania e os fazem experimentar o amargo de uma vida numa dimensão que os ligam entre a íntima história e ficção. A cada página virada, vê-se uma paisagem e um capítulo diferente, carregados de cenas reais com finais tenebrosos. Temos aí uma conexão entre a literatura, realidade social transportada para a história de ficção.

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. (Lispector, 1998, p.28).

Sim, escreveremos e, se preciso for, fabricaremos imagens, pois a dimensão humana da literatura nos dá essa possibilidade incomensurável, de criar, fantasiar, viajar, brincar, se descobrir, transcender e por alguns momentos, sermos felizes.

A psicologia arquetípica [...] teve desde seu início a intenção de ir além da pesquisa clínica dentro do consultório de psicoterapia, ao situar-se dentro da cultura da imaginação ocidental. É uma psicologia deliberadamente ligada às artes, à cultura, e à história das idéias, na forma como elas florescem da imaginação. (Hillman, 1998, p. 21).

Se ler um trecho desses causa estranheza, é proibido entrar em delírio, depressão ou esquisitice, aqui nesta dimensão a face se mostra através de uma janela, de onde poderemos assistir a vida passar, pelo menos até a janela se fechar e termos que acordarmos para a realidade da vida, aonde essa dimensão, já não é mais multicolorida, onde por alguns instantes se pode ser feliz.

Nenhuma outra perspectiva dentro da psicologia analítica parece-nos demonstrar de modo tão integral e coerente como é possível e enriquecedor levar as categorias do pensamento junguiano para a análise e a compreensão também das coisas do mundo, também para aquilo que está do lado de fora dos consultórios de psicologia. (Hillman, 1998, p. 11).

A dimensão humana da literatura tem na verdade essa função, de fazer ver a essência das árvores com suas raízes, com as suas flores, mas também apresenta seus frutos e apresenta da forma igual ele é e de que forma está. O valor da literatura é inegável, aponta para o objeto e o apresenta.

O valor da Literatura – diz Heidegger – é apreciado à medida da “atualidade do momento”. Por seu lado, a atualidade é feita e dirigida pelos órgãos que forma a opinião pública civilizada. O movimento literário é um de seus agentes, e por agente é preciso entender aqueles que impulsionam os outros e são também impulsionados. Assim a poesia não pode aparecer senão como Literatura. Pelo fato de ser considerada meio de cultura (Bildung) e de um modo científico, ela é objeto de história literária. (Nunes, 1992, p.261).

2.5. A função da estética na formação da subjetividade

A Estética é tida como busca pelo conhecimento do Belo, da Beleza. Em sentido mais geral, se refere a tudo o que aparece ou que pode ser percebido por meio da percepção sensorial. Na filosofia, Estética é o campo de estudo das possibilidades do mundo sensorial enquanto objeto de manipulação e criação artística. A Estética faz uso do ideal de beleza (o Belo), assim como as artes, mas, ao contrário delas, trata este ideal como objeto de estudo e não como fim a ser perseguido. O conceito do Belo não se confunde com suas manifestações particulares, porém estas trazem um pouco dele, sem o qual não serviriam para a admiração. Esta admiração é um estado de contemplação sensível que traz consigo algo novo, algo que está para além do mero olhar, para além do ver comum. Este algo é justamente a criatividade do artista, unida à sua sensibilidade, que é capaz de traduzir a realidade de uma maneira absolutamente atraente, de maneira a se poder perceber nesta realidade um estado diferente das coisas.

Subordinando ao belo a obra produzida, a estética moderna, sem tocar no instrumentalismo da tradição humanística, transportou essa origem para subjetividade. A concepção heideggeriana, em muitos pontos de acordo com certas proposições de Hegel e de Nietzsche, conforme se verá neste capítulo, denuncia o conteúdo metafísico do subjetivismo estético, fundamentado pela crítica do juízo de Kant numa experiência *sui generis* de caráter contemplativo: a experiência não-conceptual, também denominada estética, correspondente a juízos reflexivos, e que, em vez de conhecimento, proporciona-nos, com base nos balanços das faculdades de conhecer, a sensibilidade e o entendimento, uma satisfação universal e desinteressada. (Nunes, 1992, p. 250).

Na abertura do seu livro *Entretantos*, escrito para ser um diálogo com psicólogos, Bartolomeu Campos Queiroz faz a seguinte afirmação: “em cada palavra muitas leituras e na vida muitos sentidos”.

Com essa chamada, nos oferece um norte para desvendarmos um caminho obscuro, em que ainda há muito a ser percorrido. Há muitas leituras e infinitos sentidos. Nossas dúvidas são nunca sonhadas, obscuras, ainda sem sentido. Para desvendá-las, muitas vezes o caminho torna-se perigoso, com possibilidades de reverter-se num quadro desastroso, que deixa marcas para o fim de nossos dias.

O psicólogo nos ajudará a não naufragar nesses sonhos, dando-lhes um sentido e uma forma pelos quais o obscuro se faz claro, de modo que idéias que antes não podiam ser identificadas, já se fazem possíveis. Assim afirma Queirós:

O psicólogo nos convida, entretanto, a dialogar com nossas dúvidas e enfrentar nossos embaraços. Se procuramos abrir largas portas, vislumbrar verdes paisagens, perseguir estreitas trilhas, ele caminha a nosso lado, sem nos impedir de escolher nossos rumos. Ele nos motiva a passar nossa vida a limpo, a deitar cores sobre nossos dias, nos investigando a nos confrontarmos. Com nossos temores e angústias. E com ele desvendamos nossas coragens, tomamos posse de nossos limites. (Queirós, 2004, p.norte).

Nem sempre os embaraços que envolvem nossas vidas podem ser interceptados com antecedências. Muitas vezes, quando nos damos por nós, estamos emaranhados e envolvidos por laços que nem sempre temos possibilidades de desatá-los, exatamente por serem essas armadilhas subjetivas e sem prazo, ano, data ou hora marcada para acontecer.

O psicólogo tem um olhar que acaricia nossas dificuldades e tenta conhecê-las. Seu olhar parece escutar nossos segredos, sem espanto. Se falamos de nossos medos, perdas, abandonos, tristezas, desencontros, ele nos ouve sem preconceitos. Ele confirma e respeita todo sujeito como um ser liberto e singular. (Queirós, 2004, p.norte).

A palavra é como uma trilha por que não sabemos onde vamos chegar. Trata-se de um percurso não explorado, com muitos segredos, coisas e sentidos, à espera do seu desbravador.

O psicólogo nos desperta para o encontro de conhecimentos que andavam adormecidos dentro de nós, secretamente. Com sua ajuda, acordamos encobertos sentidos e deciframos o que parecia indecifrável. Nós sonhamos com um mundo onde a felicidade venha morar em nós, sempre. Esse querer nos apressa o passo, nos faz buscar. Se esses desejos não são realizados a vida se torna difícil, e sofreremos. É uma dor que dói até a alma. E sentir dor e pensar ao mesmo tempo não é tarefa simples. O psicólogo escuta nossas aflições e frustrações e nos estimula a confiar em nós, usando da palavra, seu instrumento essencial de trabalho. (Queirós, 2004, p.asa).

O silêncio nos oferece uma resposta anônima e subjetiva, pois ficamos com a incerteza de que qual seria o conteúdo da resposta. A palavra oferece o poder de decisão por expressar a inflexão do pensamento e de nosso desejo, pautado em discurso reflexivo e descortinador. Traduz o pensamento em desejo audível, nos possibilitando saídas possíveis para o dilema que experimentamos. Conduz para o entendimento e proporcionar uma leveza na alma, como afirma Bartolomeu.

A palavra desafia a dor. A palavra habita nosso corpo inteiro, desde o olhar até o silêncio. A palavra mora encarnada em nós. Se falamos onde dói, a palavra alivia nossa ferida. A palavra nos abre as asas para sobrevoar outras distâncias. A palavra, entre tudo, desbrava nossas divisas. Se nos expressamos, nos tornamos mais claros. Se nos escutamos, ganhamos novos pontos de vista para entender o mundo, mesmo tendo que secar as lágrimas. Ao nos manifestarmos, reinventamos nosso destino e recriamos nosso percurso. (Queirós, 2004, p.percurso).

A palavra sugere um horizonte que aparentemente parece impossível a mente menos perturbada. Indagações antes sem resposta, agora já têm alguma, o que desfaz o medo que impossibilitava-nos de prosseguir, de agir, de escolher ou de permanecer no propósito que nos animava. A palavra é o elemento facilitador entre nós e mundo. A palavra é sempre ferramenta para desvendar o enigma das veredas da mente perturbada.

Queirós fala que o psicólogo nos escuta através do sentido da palavra.

O psicólogo nos escuta e trabalha no sentido de desvendar aquilo que anda escondido entre nossas palavras. Ele exerce uma especial maneira de escutar, nos guardando em definitivo segredo. A seu lado refletimos sobre o que falamos. Ele nos devolve a palavra, e passamos a nos conhecer melhor. Falar e escutar nossa palavra é o mesmo que pensar duas vezes. Assim, vamos nos tornando mais atentos e respeitosos com as diferenças. Percebemos que as diversidades fazem parte da existência e justificam nossas procuras. (Queirós, 2004, p.horizonte).

É no sentido das palavras que estão nossos desejos, as possibilidades de deixar o plano da consciência concreta. Se a palavra desafia a dor, como afirma Bartolomeu, digo que, além desafiar a dor, ajuda a curar feridas, e isso se dá tanto no material, como no espiritual, pois as pessoas não adoecem no corpo, a doença começa na mente. A palavra para todas as coisas é como uma ponte que liga uma extremidade a outra. A palavra é a asa que nos faz alçar e pousar em terra firme, trazendo à tona o conhecimento. É exatamente a partir daí que, se houver a comunicação, a subjetividade, que antes era a inexistência da ponte que liga dois pontos, agora passa a existir.

O psicólogo não adivinha nossos pensamentos, não descobre nossas dificuldades, não decifra nossos enigmas. É necessário nos expressarmos. Por meio das palavras, e de outras manifestações, os encontros ganham luz ao desvendarmos, entre nós, conhecimentos que se encontravam velados. As palavras sabem muito. Elas nascem e têm suas raízes escondidas no pensamento. O psicólogo não decide por nós, não nos condena nem possui respostas prontas para nossas dúvidas. O diálogo aponta as direções que podem ser tomadas e nos abre em futuros. (Queirós, 2004, p.sonho).

O psicólogo não decide por nós, mas nos ajuda a buscar novos horizontes, encontrar respostas para algumas de nossas indagações, descobrir nossos temores, dando-nos coragem para encarar a realidade que tanto nos atemoriza. Com isso, nos faz nos encontrarmos, nos faz gostarmos um pouco mais de nós mesmos, nos dar mais valor, nos amarmos mais, pois ninguém é capaz de gostar de alguém sem antes gostar de si, ninguém pode amar sem que ame a si mesmo.

O ser humano é muito mais importante e profundo do que ele acha que é e é uma perda achar e não pensar. No inconsciente de cada ser humano há uma preciosidade pouco explorada, porque o ser humano não procura resgatar esse elo perdido dentro de si mesmo, muitos quando cheios de problemas, calam, ficam introvertidos e sofrem muito por com esse tipo de comportamento. No fragmento da poesia “Procura da Poesia”, Carlos Drummond de Andrade faz o convite para que se “penetre surdamente no reino das palavras, lá estão os poemas que esperam ser escritos”. Para dá um belo exemplo da função da estética na formação da subjetividade, busco Drummond para conferir:

Procura da poesia (fragmento)

Carlos Drummond de Andrade

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los, sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada

no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiam na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
Rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

A palavra, discurso e pensamento, são quase sinônimos, assentam-se sobre a base do ser humano. A base da razão, da comunicação e do senso de responsabilidade. O ser racional, antes de tudo e de qualquer outra coisa, se articula de forma ordenada e se expõe na flexão do seu pensamento.

Quero dizer que existem regras, meios e métodos para pensar e, com este ato, ser racional. Ordenar e pensar são o efeito de um comando resultante das palavras, o resultado final é o discurso, uma idéia ou um pensamento, que, através da palavra, ganha corpo e vida e por isso. Neste sentido, está intimamente ligados a acepção da potência da ação objetiva do psicólogo, é através da palavra que sua ação se concretizará através das idéias projetadas durante os diálogos com seus pacientes, enquanto sujeito, de si, das suas ações que serão delineadas e acordada entre pensador operante “psicólogo” e o pensante fragilizado e, perseguido por pensamentos vagos que no momento não sabe como ordená-los, “o paciente”. A palavra será a ponte que ligará as duas margens (psicólogo x paciente), dando-lhes condições de expor suas dores, pensamentos e ansiedades, fazendo sua existência transformar-se em tormento.

Compreender a palavra que está efetivamente implicada na psicologia é saber utilizar com eficiência os meios para identificar os tormentos que trazem transtornos ao paciente que se encontra perturbado, preso dentro de si. Para isto, a linguagem deve ser acessível para que o mesmo faça deixar flutuar a imaginação.

Uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação. (Calvino, 1990, p.72).

Se imagino, penso, e se penso, faço uso da palavra para flexionar e expor esse pensamento, como afirma Nunes quando diz que a “palavra é uma remissão do dizer essencial da linguagem”. A palavra não pode ser quebrada para que não seja interrompida ou desligada do círculo que interliga esse entendimento, com a mais perfeita sintonia para que o resultado desta conversa seja a afinidade de tudo aquilo que se espera, o desfecho crucial e feliz do pensador “paciente”.

O que o pensador diz do ser atende à tarefa do pensamento, que vai na direção da alethéia, do que é isto ou aquilo, insistindo na afinidade entre ser e nada. Sua palavra é uma remissão ao dizer essencial da linguagem. Mas a linguagem do poeta acusa a falha da palavra. Ele vai até onde a palavra se quebra, como no verso de Stefan George: Kein ding sei wo das wort gebriecht (Nenhuma coisa existe onde a palavra quebra) (Nunes, 1998, p.39).

2.6. A experiência estética na formação e na ação profissional do psicólogo

A subjetividade está implicada na psicologia. Sua contribuição se dá na compreensão da totalidade do ser humano, pois cada indivíduo vai construindo na medida em que amadurece, desenvolve as experiências na vida social e cultural. É exatamente o que nos identifica a maneira de pensar, de sentir, fantasiar, sonhar, e é isto o que nos diferencia um do outro, que constitui nosso modo de ser.

A psicologia não é a ciência das manifestações observáveis e nem apenas dos fenômenos mentais, mas abrange o estudo de todas as manifestações do ser humano, incluindo suas interações com o meio. Mente, alma e espírito.

No dicionário de Filosofia, Jacqueline Russ faz uma citação de Sartre sobre subjetividade que afirma: “O que se pode denominar propriamente subjetividade é a consciência [de] consciência”. (Russ, 1991 p. 279)

A característica do que é subjetivo, na verdade, é a vida consciente, interior de cada indivíduo. Por essa razão, a subjetividade está implicada na psicologia, é um braço de mar, um veio de rio, pois subjetividade e psicologia encontram-se em tal conexão que acabam tornando-se complexa, porém, identificável, como Rosa em Grande Sertão: Veredas afirma:

Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar - é todos contra os aca-sos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. (...) Deus existe mesmo quando não há. (...) Mas a gente quer Céu

é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. (Rosa, 2001, p. 76).

Quem quer um fim, mas um fim que depois dele se ver tudo, na verdade quer um recomeço. Mas quem poderá afirmar isto com plena convicção? Podemos chamar a isto de subjetividade? Se a arte imita a vida e na vida há uma representação não efêmera da arte, logo a subjetividade está para a psicologia, assim como a psicologia está para a subjetividade. Segue Guimarães Rosa:

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos. Amén!. (Rosa 2001, p. 31).

Nos trechos supracitados, há um teor de subjetividade indescritível: “eu toda vida pensei por mim, ferro, sou nascido diferente, eu sou é eu mesmo”. Segue uma idéia de alguém que sabe quem é quem quer ser, só ainda não sabe onde vai chegar seu limite.

Há lógica quando lemos Grande Sertão Veredas e, principalmente no discurso integro, filosófico e poético do Riobaldo, com inúmeras passagens onde o mesmo demonstra uma reflexão de pensamento lógico e que há paradigmas de subjetividades sempre em confluência com o pensamento da psiquê. Para afirmar algo melhor e com maior propriedade, volto a Benedito Nunes.

Em contraste com a doutrina acreditada, que ele até então adotara, do serviço insubstituível da Psicologia para a elucidação filosófica da Lógica, percebeu a distância conceptual existente entre o processo psicológico e a unidade lógica do pensamento, ou, mais precisamente, entre o curso do pensamento como fato natural, regido por leis empiricamente determináveis, e o plano da validade lógica. Desta sorte, viu-se compelido a “reflexões críticas de ordem geral sobre a essência da lógica e principalmente sobre as relações entre a subjetividade do conhecimento e a objetividade do conteúdo do conhecimento”. (Nunes, 1992, p.22).

Se a subjetividade caminha junto à psicologia, então intrinsecamente estão de mãos dadas na busca contínua do encontro do ser que encontra-se em constante procura do seu “eu” que temporariamente se encontra perdido no seu finito deserto, mas mesmo aqueles casos que aparentemente não mostra-se com saídas triunfantes, é da psicologia em parceria com a subjetividade que o psicólogo encontrará uma saída possível.

Se, no espaço-tempo imediato do cotidiano, posso de forma deliberada ver o presente ou o passado escrito ou representado nas páginas de um livro e que, este “livro-vida” diz intrinsecamente da minha vida ou sobre as nossas vidas, quer dizer que a arte supõe as vertentes dos declínios que correm os pensamentos carregados dos sonhos, desejos fantásticos, ilusórios se um fim previsto, mas que a narrativa literária pode determinar este fim. Na literatura, encontramos respostas às indagações voluntárias ou involuntárias que fazemos e que nas nossas histórias ficcionadas estão prescritas e ditas de alguma forma. Como afirma Britto:

A arte moderna supõe uma intenção deliberada nessa construção narrativa, que me afasta, de um lado, da reprodução imediata do redizer-se, do re-presentar-se no meu cotidiano, no meu espaço-tempo imediato. Portanto, a arte é, na cultura ocidental contemporânea, o desejo de construir outro mundo. (Agora, quando estou falando da arte, estou entendendo que este processo de construção da narração se expande a todas as expressões artísticas). Este processo de construção de outro mundo supõe uma espécie de voltar-se para a própria vida e indagar a condição humana. A arte é, nesse sentido, admiração. A arte é contemplação da vida. (Britto, 2003)

3. A literatura nos cursos de Psicologia

3.1. As bases do problema

Por que nos cursos de formação de psicólogos a literatura não está contemplada em sua grade curricular?

A partir desta indagação, me propus a investigar a razão pela qual procede minha questão, não por ser minha, mas pela contribuição que a literatura poderia dar a esses profissionais. A literatura tem uma relevância tal que intriga descobrir o que pode levar universidades, faculdades e instituições de ensino a não contemplar esse componente curricular na grade de ensino. O acesso a um acervo extraordinário e multifacetado, através da ótica psicológica, poderia contribuir para reflexões e ações importantes nas dimensões sexual, familiar, social, religiosa, política e até ideológica. Em outras palavras, desenvolver interpretações minuciosas das obras literárias poderia ser uma forma importante de operar com verdades históricas e surpreendentes com profundidade, como se fosse mergulhar no inconsciente, ilustrando de maneira mais nítida um cenário psicológico, onde os atores saem dos livros para serem vividas pelos personagens reais, pondo em desfile uma ampla gama de personagens com tramas abrangentes do cotidiano, sem perder cenas nem fragmentos da íntima ligação entre literatura, psicologia e da realidade social.

A investigação foi pautada na análise das grades curriculares e nos projetos de cursos e em um pequeno questionário enviado às coordenações dos cursos por e-mail.

3.2. Levantamento de Grade Curricular das Entidades de Ensino

Para levar a cabo esta pesquisa, elaborei um questionário, o qual foi enviado, por meio eletrônico, aos coordenadores dos cursos de psicologia de todo o Brasil. Interessava saber se as grades curriculares do curso de psicologia contemplavam literatura / arte, e, se não o faziam, de qual maneira tais conteúdos estavam presentes na grade, ou se de alguma forma, estavam inseridos no contexto de alguma disciplina.

Infelizmente, em que pese a insistência (enviei o mesmo questionário, com as explicações de sua finalidade por 8 vezes), apenas 9 escolas me responderam. Tra-

ta-se, sem dúvida de uma amostra pequena, mas mesmo assim foi possível desenvolver algumas reflexões que, creio, contribuem para a reflexão que aqui se desenvolve.

3.2.1. Questionário aos coordenadores de cursos de Psicologia

Foram elaboradas quatro questões, em forma de questionário aberto, o qual foi enviado, por Internet, para oitenta e quatro instituições que tem formação acadêmica em psicologia. Da primeira vez (precisamente em 03/09/04), não obtivemos nenhuma resposta. Enviamos de forma seqüenciada mais cinco vezes com os intervalos (datas) mais perto um do outro, como seguem: 23/04/05; 08/05/05; 29/06/05; 31/06/05 e a última vez em 05/07/05. Dessas seis vezes que solicitamos, das oitenta e quatro (84) instituições, apenas nove (09) coordenadores (as) responderam nas datas: 23/02/05; 05/05/05; 03/06/05 e 08/06/05. Depois, ainda enviamos o questionário mais duas vezes, na expectativa de obtermos mais algumas respostas. Infelizmente não tivemos sucesso, mesmo insistindo tanto, o que nos leva a crer que as demais setenta e seis instituições não estão preocupadas com questões acadêmicas que podem vir a contribuir na formação desses profissionais que atuam no campo da psicologia.

As omissões dessas instituições relacionadas a estas questões acadêmicas nos deixam preocupados, pois se estas respostas, mesmo sendo negativas e até uma explicação do por quê da não importância de tê-las nas grades de suas instituições, poderia ser uma forma de refletir sobre as possibilidades de ampliar a grade e favorecer aos estudantes de psicologia um ganho qualitativo.

Foram as seguintes as questões que compuseram o questionário:

- 1- A literatura faz parte da grade curricular do curso de Psicologia de sua instituição? Por que sim, se não, por que não?
- 2- Se não, de alguma forma ela é objeto de estudo em outras disciplinas? Quais e como?
- 3- Como é tratada a questão da ética neste currículo?
- 4- Na sua avaliação, este investimento para o desenvolvimento cultural é importante na formação do psicólogo? Como ela pode ocorrer?

Nove instituições se dispuseram a responder o questionário.

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESP – Universidade Estadual Paulista J.M. Filho

UNIFAE – Universidade Integrada de São Francisco

UVA – Universidade Veiga de Almeida

UBC – Universidade Braz Cubas

UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

FIR – Faculdade Integrada do Recife

FAFIBE – Faculdades Integradas

Em função das respostas, me propôs a verificar:

1. Das que tem na grade curricular do curso, em quais disciplinas se encontra?
2. Das que não têm, mas que está inserida de alguma forma, como é aplicada?
3. Quantas responderam justificando que não tem porque não é importante?

3.2.2. O parecer sobre o currículo de Psicologia

Em seguida, analisei o parecer 1.314/2001, que fora aprovado em 20/02/2002, pela Câmara do Conselho Nacional de Educação Superior, que trata do currículo de Psicologia. Destaco os pontos mais relevantes:

- A nova legislação teria não só que refletir o impacto desses eventos como assegurar grau de liberdade para desenvolvimentos futuros;
- Essa diferenciação apóia-se em um núcleo comum de formação que estabelece uma base homogênea no país e uma capacitação básica para formando lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de

atuação. Tanto o núcleo comum como os perfis profissionalizantes foram definidos em termos de competências e habilidades;

- Um conjunto de princípios gerais deve nortear a formação em Psicologia, os quais remetem à necessidade de uma formação que desenvolva um forte compromisso com uma perspectiva científica e com o exercício da cidadania;
- Que assegure rigorosa postura ética; que garanta uma visão abrangente e integrada dos processos psicológicos, permitindo uma ampliação dos impactos sociais dos serviços prestados à sociedade; e que desenvolva um profissional detentor de uma postura pró-ativa em relação ao seu contínuo processo de capacitação e aprimoramento;
- Esse conjunto de valores se afigura indispensável face à velocidade com que os conhecimentos científicos se ampliam e os procedimentos profissionais se diferenciam, atingindo particularmente a área da saúde da qual faz parte a Psicologia;
- Estes princípios são fundamentais também para coibir a banalização, a superficialidade e o anticientificismo que freqüentemente caracterizam a abordagem aos processos psicológicos em importantes espaços públicos, com claros reflexos no espaço acadêmico;
- Na definição dos eixos que organizam os conhecimentos, habilidades e competências ao longo do processo de formação;
- Múltiplas interfaces com as ciências da vida, e com as ciências humanas e sociais;
- LDB, definindo uma estrutura para a formação em Psicologia que garanta, simultaneamente, uma unidade configurada no núcleo comum e a possibilidade de arranjos curriculares, diversificadores das atividades profissionais em Psicologia;
- Profissionais que, respeitando as conquistas importantes incorporadas pela Psicologia ao patrimônio cultural da humanidade, sejam capazes de olhar os desafios que o futuro coloca, atuando dentro de padrões éticos e com claro compromisso com a superação dos problemas sociais e humanos que marcam o nosso tempo;
- Atuação em diferentes contextos considerando as necessidades sociais, os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;

- Analisar o contexto em que atua profissionalmente em suas dimensões institucional e organizacional, explicitando a dinâmica das interações entre os seus agentes sociais;
- Atenção à saúde: os profissionais devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo, bem como a realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética;
- Avaliar problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, em diferentes contextos;
- Analisar, descrever e interpretar manifestações verbais e corporais como fontes primárias de acesso a estados subjetivos;
- *Fundamentos metodológicos* que garantam a apropriação crítica do conhecimento disponível e capacitação para a produção de novos conhecimentos, assegurando uma visão abrangente dos diferentes métodos e estratégias de produção do conhecimento científico em Psicologia e;
- *Interfaces com campos afins do conhecimento* para demarcar a natureza e a especificidade do fenômeno psicológico e percebê-lo em sua interação com fenômenos biológicos, humanos e sociais, assegurando uma compreensão integral e contextualizada dos fenômenos e processos psicológicos.

3.2.3. Registros sobre as grades curriculares

Finalmente, fiz um levantamento exaustivo e bastante amplo das grades curriculares de curso de psicologia. Pude verificar, nesta ocasião, que nenhuma das instituições pesquisadas contempla na grade curricular do curso de psicologia os temas em questão. De um grupo de 84 instituições, nenhuma traz sequer uma disciplina que tenha correlação com a temática em debate. Analisamos também os conteúdos programático de que algumas disciplinas ligadas a área da linguagem, mas também neste caso não havia temática relacionada com a arte / literatura; observando as ementas, verifiquei que essas disciplinas têm caráter instrucional, relacionado com leitura e escrita. Algumas aparecem nas eletivas como do tipo:

Língua Portuguesa, de 56	07 Instituições apresentaram
Língua Portuguesa e o Discurso Psi-	01 Instituição Apresentou

cólogo.	
Língua Portuguesa – Base Geral, de 56	02 Instituições Apresentaram
Português Instrumental, de 56	02 Instituições Apresentaram
Linguagem e Comunicação, de 56	03 Instituições Apresentaram
Linguagem e Subjetividade, de 56	01 Instituição Apresentou
Linguagem e Redação, de 56	01 Instituição Apresentou
Linguagem e Cognição, de 56	03 Instituições Apresentaram
Leitura e Produção de Texto, de 56	01 Instituição Apresentou
Pensamento e Linguagem, de 56	01 Instituição Apresentou
Psicolingüística, de 56	02 Instituições Apresentaram
Estética, de 56	01 Instituição Apresentou

▪ *Outras disciplinas afins*

Ética Profissional, de 56	20 Instituições Apresentaram
Ética Geral, de 56	11 Instituições Apresentaram
Ética Cristã, de 56	01 Instituição Apresentou
Bioética, de 56	03 Instituições Apresentaram
Filosofia, de 56	22 Instituições Apresentaram
Sociologia, de 56	15 Instituições Apresentaram

Como se pode observar, quando a questão é “ética”, aparecem algumas disciplinas, mas na perspectiva da ética profissional, ética geral, bioética, filosofia e sociologia. Entre os cursos eletivos, destaco as ofertas relacionadas com a psicanálise. Parece que a grade de psicologia não comporta e, parece não haver preocupação nesse sentido, disciplinas diretamente voltadas para o estudo ou conhecimento de literatura / arte. De algum modo, objetivamente estes conteúdos não contribuiriam na formação do psicólogo.

3.3. Análise do questionário aos coordenadores de cursos de Psicologia

I. A Coordenadoria de uma Faculdade particular que fica localizada no centro de Bebedouro, São Paulo, respondeu que literatura / arte não faz parte da grade cur-

ricular do curso de psicologia, por esta não está enquadrada em nenhum dos eixos estruturantes das áreas propostas das diretrizes curriculares para o curso de psicologia (há, portanto, uma reprodução da grade curricular oficial, que se compreende como mínima, e não como exaustiva).

Por outro lado, afirma na segunda resposta que a literatura / arte é utilizada em duas disciplinas do curso: no quarto período, entra no “processo criativo e psicologia”, e na disciplina optativa “análise simbólica dos sonhos, mitos e contos”. Ao acessar o site da referida Faculdade, não há a grade curricular do curso para averiguação da afirmação fornecida pela coordenaria daquela Faculdade. Seguem abaixo na íntegra as respostas enviadas pela referida instituição.

1. Não. A disciplina não se enquadra em nenhum dos eixos estruturantes ou de áreas de intersecção propostas nas diretrizes curriculares da Psicologia aprovadas.

2. Sim. Duas disciplinas do currículo utilizam obras literárias:

1. PROCESSO CRIATIVO E PSICOLOGIA, 4º. Semestre, utiliza obras literárias como recurso tanto para análise de processos criativos como matéria prima para produção criativa.

Ementa: Fornece conhecimentos básicos acerca das condições de realização de processos criativos relacionados à Psicologia.

2. ANÁLISE SIMBÓLICA DOS SONHOS, MITOS E CONTOS, disciplina optativa que tem como pré-requisito a disciplina de Teorias da Personalidade I, tem como um de seus objetivos estudar, discutir e interpretar alguns contos de fadas infantis ou mitos da Antigüidade grega e romana importantes na psicologia.

Ementa: Realiza um estudo introdutório sobre os sonhos, mitos e contos, abordando sua função biológica, social e psíquica, a partir das considerações de alguns autores importantes das ciências humanas, principalmente a partir de um estudo simbólico e compreensão de aspectos inconscientes relevantes na atuação do psicólogo.

3. A questão da ética permeia todo o currículo do curso de psicologia da Fafibe. A questão ética é tratada desde o primeiro semestre do curso, nas disciplinas com uso de animais, através da utilização do código de ética em estudos com animais e de uma reflexão da necessidade de se desenvolver uma postura ética em situações envolvendo intervenção psicológica. A questão ética é ampliada para (1) a discussão dos aspectos éticos na pesquisa (disciplina ÉTICA EM PESQUISA, 3º. Semestre) e, ao longo do curso, (2) discussões das questões éticas envolvidas na atuação profis-

sional (disciplina ÉTICA PROFISSIONAL, 6º. Semestre). A questão ética continua a ser refletida durante a formação profissional, em disciplinas específicas de ênfase tais como: Teorias e Técnicas Psicoterápicas I (Ênfase em Saúde); Orientação Profissional e de Carreira (Ênfase em Educação) e Educação, Trabalho e Cidadania (Ênfase em Trabalho). O treinamento de uma postura ética é incentivado e propiciado através da utilização da “postura ética do aluno” como um critério de avaliação tanto em disciplinas como Psicologia Comunitária e Trabalho de Conclusão de Curso I, II, e III, quanto em todos os Estágios da grade curricular.

4 Sim. O investimento na formação cultural dos alunos é de suma importância para a formação de um profissional que lida com pessoas, como no caso do psicólogo. O investimento cultural dentro das instituições de ensino superior pode ocorrer de diversas formas: grupos de coral, teatro, estudos temáticos, artes e línguas. Nesse sentido cabe à instituição promover espaços culturais aos seus alunos. Na nossa instituição, por exemplo, é oferecida ao aluno a possibilidade de participar de um coral e dentro em breve também será disponibilizado um grupo de teatro. Além disso, são promovidos espetáculos teatrais a preços acessíveis, ligados a projetos Interdisciplinares dos cursos oferecidos pela instituição. Para efeitos curriculares estes eventos são certificados e podem ser utilizados na carga horária das atividades complementares necessárias para que o aluno receba seu diploma de graduação. Nesse sentido cabe ao coordenador incentivar a realização dessas atividades e aceitar os certificados para efeitos de integralização de créditos.

II. A Coordenadoria de uma Faculdade privada comunitária localizada no centro da Capital Pernambucana foi prática, direta e categórica, em responder que “não”, que literatura / arte não faz parte da grade curricular do curso de psicologia e justifica dizendo que “temos muitas disciplinas ainda mais necessárias para a para a formação do psicólogo”. E que o curso é muito longo.

Trata-se de uma visão mecanicista e pragmática de formação humana e profissional, em que não há espaço para a digressão (afinal, neste raciocínio, é nisto que a experiência literária se resume). Enfim, literatura / arte não cabem na grade por que não seriam importantes na formação destes profissionais; tanto é que a segunda resposta também é negativa: nem em disciplinas suplementares tais conteúdos são completados, pois a preocupação se encontra restringida a diretrizes de bases como a maioria que responderam justificam. É interessante observar que ao responder a

quarta pergunta, o entrevistado chega a mostrar espanto diante da proposta de incluir literatura na grade curricular de Psicologia.

Seguem as respostas na íntegra:

1- Não faz parte, porque temos muitas disciplinas ainda mais necessárias para a Formação do Psicólogo, e o nosso curso já é muito longo: 5 anos.

2- Não.

3- Temos a disciplina de Ética Profissional, e em outras disciplinas tratamos da questão da ética.

4- Não entendi a questão, de que investimento você está falando? Colocar a disciplina de literatura na grade curricular?

III. A Coordenadoria de um Centro Universitário privado filantrópico que fica localizada no centro de Itapeverica, no Estado de São Paulo, não foi diferente das demais. Apesar de não ser tão lacônica nas respostas, suas afirmativas são “**não**”, literatura / arte não faz parte da grade curricular e justifica esta opção afirmando que o curso tem um projeto pedagógico que está organizado em função do que estabelecem as novas Leis de Diretrizes e Bases, o que de certa forma, deixa transparecer que esta é seguida “cumprida/obedecida”, a rigor.

Quanto à segunda questão, o entrevistado reconhece que, por sua “fundamental importância”, a literatura / arte é um “objeto parcial de estudos complementares”. Isto mostra que há forte submissão das instituições ao que se estabelece em nível central e que há pouco esforço em ir além disto, mesmo quando se assume que outros temas e conteúdos são relevantes na formação do estudante de psicologia.

Das vezes que acessei ao site da entidade, em nenhuma das vezes esteve disponível no site a grade curricular para confrontar tal afirmativa quanto às atividades dos estudos complementares, ficando uma lacuna nesta questão.

Segue na íntegra as questões:

1. Não, Literatura não consta de nossa grade como componente curricular. Temos um Projeto Pedagógico firmado nas Novas Leis de Diretrizes e Bases para os cursos de Psicologia e Literatura não faz parte direta da referida grade curricular.

2. No entanto, dada a sua fundamental importância, ela é objeto parcial de estudo das atividades complementares, que compõe o universo obrigatório de cumprimento dos alunos, perfazendo 200 horas no decorrer do curso. Estas Atividades Complementares tem como objetivo desenvolver habilidades e competências necessárias

ao exercício da profissão de psicólogo. Através de leitura os alunos cumprem parte dos quesitos deste componente.

3. Nossa grade curricular contempla uma disciplina de Ética Profissional, também trata da Bioética na disciplina de Genética e Evolução e ainda trata outras questões da ética durante a ministração dos conteúdos das diversas disciplinas.

4. Sem dúvida é um investimento imprescindível para a formação do psicólogo que cada dia mais necessita SER um indivíduo capaz de lidar com a demanda de problemáticas do ser humano, com o diferencial do equilíbrio, do bom senso, da sabedoria, da justiça, do conhecimento, da capacidade e assim por diante. Ela pode ocorrer na medida em que o psicólogo adquiere mais conhecimento, maiores oportunidades de vivenciar situações e de desenvolver seu senso crítico de julgamento e de valor.

IV. A Coordenadoria de uma Universidade pública municipal do extremo sul de Santa Catarina foi extremamente sucinta e direta nas suas respostas. Novamente, no que tange a presença da literatura na grade curricular a resposta é “não”. O entrevistado justifica que “o projeto foi construído por uma equipe que eu desconheço, e não consta do projeto”. A afirmação de que o conteúdo literatura / arte perpassa várias disciplinas é demasiada genérica e não contribui para a reflexão e nem garante que há a preocupação de que os estudantes tenham uma vivência intensa e dirigida de leitura e interpretação de textos literários. Eu também não conheço nenhum dos membros que elaboraram a Lei de Diretrizes de Bases nem quem elaborou o projeto da grade curricular do curso de psicologia baseando-se na Lei 9.131, de 24 de novembro de 1995, Artigo 7º, onde se assegura dizendo: “O Conselho Nacional de Educação”, composto pelas Câmaras de Educação Básica e de Educação Superior, terá atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento ao Ministro de Estado da Educação e do Desporto, de forma assegurar a participação da sociedade no aperfeiçoamento da educação nacional. Se a Lei 9.131, assegura a sociedade o direito da participação no aperfeiçoamento da educação nacional, então, entende que as instituições de ensino não podem subtrair das grades de seus cursos disciplinas “mandatárias”, ou seja, obrigatória, mas suplementar, não há na lei nenhum impedimento para fazê-lo.

Apresento abaixo as respostas na íntegra:

1. Não. Porque o projeto foi construído por uma equipe que eu desconheço, e não consta do projeto.
2. Não.
3. Perpassa por todas as disciplinas de personalidade (04) e Teorias e técnicas Psicoterápicas (04).
4. Importante é, com certeza, porém não é essencial e nas grades de Psicologia, nós trabalhamos conforme as diretrizes.

V. A Coordenadoria de uma Universidade Estadual do Centro de Bauru, Estado de São Paulo, não foi prolixa nem lacônica, mas igualmente às demais, sua resposta também é um categórico “não”. A coordenadoria justifica a opção pela grade atual afirmando que não tem condições de responder o “por quê”. Aponto o projeto pedagógico e afirma que na sua leitura “tal omissão deve-se à compreensão de que uma disciplina de literatura (já que você se refere à grade curricular e não ao projeto pedagógico como um todo). E ainda afirma que “tais saberes específicos” não fazem parte da formação do psicólogo.

Nesta instituição de ensino especificamente, encontro uma contradição em relação da segunda questão com a primeira, pois a coordenadoria afirma na segunda questão que “sim”, em “Psicologia da Personalidade I, disciplina ministrada no 4º semestre”, são utilizados vários textos para auxiliar na análise da personalidade. Inclusive Dom Casmurro. Ao acessar o site da instituição, baixei e copiei a grade curricular da mesma e em nenhuma parte do documento há algum vestígio de literatura / arte, nem nas obrigatórias, tampouco nas optativas/complementares ou suplementares.

Seguem na íntegra as respectivas respostas:

1. Não. Não tenho condições de responder o porquê; retomando o projeto pedagógico, acho (mas isso é minha leitura) que tal omissão deve-se à compreensão de que uma disciplina de literatura (já que você se refere à grade curricular e não ao projeto pedagógico como um todo) não se encaixa no rol de saberes específicos da formação do psicólogo.
2. Sim. Em Psicologia da Personalidade I, disciplina ministrada no 4º semestre, são utilizados vários textos literários para dar ensejo a discussões sobre o tema da personalidade, entre eles: Dom Quixote..., Auto de Fé, Crime e Castigo, Dom Casmurro, entre outros.

3. Há uma disciplina voltada para a questão: Ética Profissional, ministrada no 8º semestre, na qual o código de ética profissional e a ética em geral são tratadas. Compreendemos, entretanto, que a formação de uma responsabilidade ética permeia todo o processo, incluindo as disciplinas e a atuação em estágios. Todos os professores e supervisores têm também responsabilidade de contribuir para a discussão do tema; em que medida isso ocorre de fato é uma questão que implicaria uma pesquisa específica, você não acha?

4. Sem dúvida é importante para o psicólogo ler literatura. Ela é formativa e abrange questões que vão muito além da psicologia. Mas há uma questão de fundo que é o que T. W. Adorno chamou de semi-formação; há uma sublitteratura voltada para o mercado, como por exemplo, os livros de auto-ajuda, que atrapalha a formação ao invés de contribuir para ela.

VI. A Coordenadoria de um Centro Universitário particular localizado no centro de Blumenau segue as anteriores com o categórico “não”, não tem literatura/arte na grade do seu curso e, justifica que, “Trata-se de um curso noturno, o que significa que temos que otimizar o tempo do aluno, reduzindo as disciplinas aquelas preconizadas pelas Diretrizes Curriculares”. Até aqui vejo nestas respostas um vazio profundo e que, lamento pela perda da contribuição que a literatura/arte poderia dá a estes estudantes e novos profissionais da psicologia. Na segunda questão, a coordenadoria foi pragmática em dizer que, “a literatura não é objeto de estudo em nenhuma outra disciplina”. Sem disfarce algum, vejo que a afirmação é verdadeira, pois ao acessar seu site, acessei e copiei a grade curricular da mesma e nela, não há nem vestígio das respectivas disciplinas em temática e, para melhor observação, seguem na íntegra as respostas:

1. A literatura não faz parte da grade curricular do curso de Psicologia da UNIFAE. Trata-se de um curso noturno, o que significa que temos que otimizar o tempo do aluno, reduzindo as disciplinas aquelas preconizadas pelas Diretrizes Curriculares. Além disto, o aluno da UNIFAE, em S. J. da Boa Vista, vem de 40 cidades da região, o que dificulta enormemente sua permanência na instituição fora do período noturno.
2. A literatura não é objeto de estudo em nenhuma outra disciplina, ainda que alguns docentes se utilizem de obras literárias para enriquecer o conteúdo de suas aulas.
3. A questão da Ética é tratada dentro da disciplina de Ética e Cidadania, ministrada no 4º, do ponto de vista filosófico e trabalho específico - a Ética na Psicologia.

4. Acredito que todo investimento cultural é importante na formação do ser humano e, portanto, trabalho do Psicólogo. No entanto, vivemos um momento de crise, em que algumas coisas devem morrer para que outras possam nascer. Ou seja, a formação cultural do indivíduo se restringe em detrimento de habilidades e competências solicitadas pelo mercado de trabalho. Acredito que se poderia introduzir, no caso de cursos integrais, a disciplina de literatura, que ajudaria o aluno a ampliar seu universo de conhecimentos, desenvolvendo o hábito da leitura, da reflexão e facilitando a experiência estética, subsidiando a produção de textos científicos, tão exigida pelo mercado atual.

VII. A Coordenadoria de uma Universidade particular localizada no Centro de Santa Catarina afirma com um “não” querendo afirmar que “sim”, pois diz que “formalmente não”, mas eu se recomenda aos alunos que façam leituras de obras de autores nacionais e internacionais, os chamados pela coordenação de “romances psicológicos” e, justifica que, “a matriz contempla as disciplinas tradicionais da psicologia privilegiando a leitura técnica”.

Parece que, neste caso, a instituição compreende a instituição prepara o profissional para a inserção técnica e para a intervenção humana, com suas dores da alma e aflições que comumente são apresentadas nas diversas obras literárias. Mas de fato isto se limita a uma recomendação genérica, que não se concretiza na proposta pedagógica. Na segunda questão, que é a complementação da primeira, afirma-se que tem literatura / arte “apenas informalmente” e que “fica ao encargo de cada professor”. Em outras palavras, a instituição não se compromete com o que está sendo ministrado em sala de aula e deixa isso a critério do docente.

Seguem as respostas:

1. Formalmente não. Informalmente recomendam-se aos alunos a leitura de obras (principalmente clássicos da literatura nacional e mundial), os chamados romances psicológicos. A matriz contempla as disciplinas tradicionais da psicologia privilegiando a leitura técnica.

2. Como já referido, apenas informalmente. Fica ao encargo de cada professor.

3. Como é tratada a questão da ética neste currículo? Há um item (unidade de ensino) em todas as disciplinas e uma disciplina específica em que se discute o tema mais detidamente. Ao mesmo tempo prima-se pela construção da prática ética através dos estágios e relações interpessoais.

4. Na sua avaliação, este investimento para o desenvolvimento cultural é importante na formação do psicólogo? Como ela pode ocorrer? Penso ser de fundamental importância para a boa formação de qualquer profissional, em especial do psicólogo. Através do incentivo constante e permanente à leitura.

VIII. A Coordenadoria de uma Universidade particular localizada no Centro de Mogi das Cruzes, do Estado São Paulo, também respondeu que “não”, que não tem literatura / arte na grade curricular do curso de psicologia e, justifica esta posição alegando que “as diretrizes curriculares do curso não contemplam esse conteúdo”. Contudo, na segunda resposta que é a complementação da primeira, a mesma apresenta diversas disciplinas que, segundo a coordenadoria, incluiriam literatura. Só que, quando ao acessar o site da referida, a grade curricular do curso não está disponível no site da instituição, para comprovação das afirmações. Novamente, parece que se trata de um contemplar bastante vago, algo do tipo, “sim é importante, mas depende da disponibilidade e o currículo já demasiado extenso para comportar novas disciplinas”. No máximo, tal conteúdo será contemplado em atividades complementares e extracurriculares.

Seguem as respostas na íntegra:

1 - Literatura não faz parte da grade curricular do curso de Psicologia. Porque as Diretrizes curriculares do curso não contemplam esse conteúdo.

2 - Diversas disciplinas procuram incluir literatura no contexto do desenvolvimento de sua disciplina, como Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Personalidade, Teorias Psicodinâmicas, Psicologia do Escolar, Psicologia do Excepcional, Orientação Profissional, Psicologia do trabalho. Em algumas disciplinas é indicado um livro de literatura (não somente literatura brasileira) e sempre é avaliado através de resenha.

3 - Envio o programa de Ética Profissional para que faça uma avaliação dentro das suas expectativas.

4 - Fundamental, pois considero inconcebível um profissional (Psicólogo) sem o mínimo de formação cultural. Aqui na UBC utilizamos a parte de estágio de licenciatura nas 200 horas previstas indicando inúmeros livros de literatura desde não sejam didáticos (ou seja previsto na bibliografia básica e complementar), onde o aluno deverá escolher um livro entre diversas obras e fazer uma análise sob uma ótica de uma das linhas da Psicologia (Psicanálise, Comportamental, Humanismo...), no meu caso

especificamente indico alguns livros de autores como: Dostoievski, Balzac, Sthendal, Machado de Assis... É mostrado ao aluno a importância de que sua formação vá além dos conteúdos programáticos, e que a literatura é uma grande fonte de conhecimento que irá acrescentar nas suas atividades profissionais.

IX. A Coordenadoria de uma Universidade particular localizada no Centro da Tijuca, no Estado do Rio de Janeiro, foi hiperlacônica, e até sucinta demais, mas afirmou que “está dentro da disciplina Comunicação Oral e Escrita”. Porém, esta não é diferente das outras instituições, porque ao acessar o site para tentar baixar a grade curricular, esta não está disponível. Quando à segunda pergunta, a coordenadoria também afirma que “sim”, e da mesma forma, não fica comprovada a afirmação em virtude da não disponibilidade da grade no site da instituição.

Seguem na íntegra as micro-respostas:

- 1- Está dentro da disciplina Comunicação Oral e Escrita.
- 2- Sim, Articulação de textos com conceitos e fenômenos psicológicos.
- 3- Ao longo de todo o curso: aulas, debates, seminários.
- 4- Sim, está acima descrito.

3.4. Análises dos resultados

O que se pode depreender destes é que todas as instituições, quando buscamos informações sobre o curso e a instituição, propõem-se a desenvolver um profissional que domine os conhecimentos psicológicos e os utilizem nos vários contextos de sua inserção, devendo ser capaz de desenvolver procedimentos de avaliação, análise, prevenção e intervenção, mantendo o posicionamento crítico que enfatiza a questão da cidadania e que contemple assim a maior parte da população.

Isto é o prometido. O oferecido são os resultados a distantes, ilusórios, longe do que se afirma, pois as respostas deixam explícito que o compromisso firmado acaba por se perder por não haver indícios contundentes que nos façam acreditar que um ganho formativo através da literatura / arte na grade curricular deste curso não seja viável em virtude de não está descrito ou postulado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que é a Lei 9.394/96.

Por que não tem arte / literatura no currículo? Em que medida os que afirmam ter não mostram consistência?

Não tem arte / literatura no currículo porque não está explicitada na Lei de Diretrizes e Bases; nesta também não estão algumas disciplinas e, no entanto, faz parte da grade curricular do curso de psicologia, até porque há na lei uma abertura que do mesmo modo que se podem introduzir algumas optativas, pela importância da contribuição que a arte / literatura poderia dar na formação do estudante e futuro profissional de psicologia extraordinária.

O que vemos é um emaranhado de respostas que tenta justificar o injustificável, pois está mais do que claro que o motivo principal não é a lei e sim, a “importância” que as instituições em geral não dão ao novo horizonte a ser descoberto. E mesmo as instituições que afirmam que têm esta preocupação, não mostram consistência, porque não tem sequer a grade curricular em seus sites para comprovar o que assegura em suas respostas e, se não comprovam, não há porque tentar fazer acreditar que praticam aquilo não é praticado, não é usual, não é habitual. Desde que vemos respostas declarando que: “temos muitas disciplinas ainda mais necessárias a para a formação do psicólogo”. Ou deste tipo: “o projeto pedagógico que é imputado pelas novas Leis de Diretrizes de Bases e que de certa forma não contempla”. Ou outra que responsabiliza aqueles que construíram o projeto, como: “o projeto foi construído por uma equipe que eu desconheço, e não consta do projeto”. Como negar ou encobrir o desatino de uma seqüência de respostas que não nos dá a chance de apresentar o outro lado da moeda? Não têm condições de responder o por que. Como podemos acreditar no amanhã? Como acreditarmos naqueles que afirmam que venham para nossas instituições porque é a melhor e oferece o melhor curso? E que tal esta: “Trata-se de um curso noturno, o que significa que temos que otimizar o tempo do aluno, reduzindo as disciplinas aquelas preconizadas pelas Diretrizes Curriculares”. Otimizar o tempo do aluno, reduzindo as disciplinas, é um alvo certo e talvez rentável, mas somente para a instituição, pois o aluno é o maior perdedor neste caso absoluto.

Mas não fica por aí, vejamos esta: “Não, formalmente não. Porque recomenda aos alunos que façam leituras”. Deixar a leitura de um curso de psicologia por conta de uma recomendação é algo que fica por conta do aluno, onde os mais aplicados podem até fazer e outros, não. Não paremos aqui, vejamos mais esta: “as diretrizes curriculares do curso não contemplam esse conteúdo”. Como já mencionei anteriormente, sobre a abertura da lei das Diretrizes e Bases, não há uma rigidez quanto a esta justificativa. E, por fim, esta, que, de certa forma, apresenta uma afirmação

mais ponderada e que mostra na quarta resposta alguma consistência por apresentar algumas disciplinas que aparentemente, são aplicáveis: “está dentro da disciplina Comunicação Oral e Escrita”.

4. Conclusão

Dentre as Ciências Humanas e Sociais, a Antropologia, Sociologia e Psicologia são uma das áreas voltadas para as questões relacionadas à estruturação do sujeito em sua trajetória de vida.

Entendo por sujeito o lócus de entrecruzamento e articulação de diversas modalidades de socialização a partir de um certo potencial genético. A psicologia estuda o entrelaçamento do biológico com o social em diferentes dimensões temporais, assim constituindo um campo específico de investigação da experiência consciente e inconsciente do sujeito, em seus aspectos motivacional, cognitivo e emocional.

As formas de organização social apresentam-se nos modos de construção da subjetividade enquanto sujeito. Por ser um espaço de reflexão sobre a estruturação do sujeito na complexidade do campo social, a Psicologia pode oferecer meios de compreensão e atuação em aspectos centrais das transformações com que nos deparamos.

É no contexto deste quadro, que o psicólogo pode e deve contribuir para o equacionamento dos conflitos contemporâneos, ao atuar não só como mediador, motivador e formador de opinião cognitiva, mas também como agente das possíveis transformações do sujeito em si. O sujeito que não faz uma leitura de si, das coisas e o mundo, provavelmente ficará alienado e menos preparado para enfrentar a vida e a consciência justa para opinar sobre a vida do outro e para o outro. A experiência com a arte / literatura contribuirá para os diversos casos da vida real, transportado para o universo da ficção literária, como afirma Britto:

Portanto, estou restringindo o debate à leitura de textos em que um sujeito, ou um grupo de sujeitos, gasta um tempo e se debruça sobre ele, realizando uma ação intelectual. A metacognição, o pensar sobre o próprio pensar, o controlar os processos mentais, administrar as formas de raciocínio e as formas de interação, isto torna a leitura particularmente significativa no processo de construção do sujeito, nas formas de participação social e na constituição do pensamento e dos valores.¹

Para Britto, a “metacognição, pressupõe o pensar sobre o próprio pensar, o controlar os processos mentais, administrarem as formas de raciocínio e as formas de interação”. Interagir com as pessoas com que convive e com o meio em que habitamos utilizando a metacognição, ou seja, procurando a melhor forma de aceitação de conhecimento das coisas que estão em nossa volta e para isso, o processo men-

¹ Conferência realizada no II Salão do Livro Infantil, FNLIJ, Rio de Janeiro, outubro de 2001.

tal se faz indispensável. Neste contexto de interação no processo de aceção do conhecimento, estão a literatura e a arte, que muito contribuem no processo de aprendizagem do psicólogo.

5. Referências

- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Moderna. 1983.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o censo: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CALVINO, Ítalo, **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**; tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- HILLMAN, James. **Psicologia Arquípica – um breve relato**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MEC/Brasil, **PCNs – Temas Transversais**. Brasília, 1998. p. 52.
- NUNES, Benedito. **Filosofia contemporânea**. Rio Janeiro: Nova Fronteira: 2001.
- NUNES, Benedito. **Filosofia e Literatura (Crivo de Papel)**. São Paulo: Abdr, 1998.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético (Filosofia e Poesia em Heidegger)**. São Paulo: Ática, 1992
- OSAKABE, H. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita, in ZILBERMAN, R. (org). **Leitura em crise na escola – as perspectivas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.147-152.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Entretantos**. Belo Horizonte: CRP/04, 2004.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 74ª ed., 1998.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19. ed., 2001.
- RUSS, Jacqueline Russ. **Dicionário de Filosofia, os conceitos filosóficos**. São Paulo: Scipione, 1991.
- VYGOSTSKY. Lev Smenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.